

Proseguindo

Pela segunda vez apparece o «Lábaro».

E, porque obedecemos aos mestres, concordamos com o que disse não ter Camões reflectido ao pospôr aquelle desnecessario e intruso artigo ao titulo do seu magnifico poema; e, concordando, alteramos o nome do nosso jornalzinho: de hoje em diante, chamal-o-emos «Lábaro».

E nisto, cremos, não ha contradição, absolutamente: quem sabe do erro para o acerto não se contradiz. Evolue.

O articulador que precedia o titulo do nosso jornalzinho era uma excrescencia ridicula, sem utilidade alguma; de forma que a sua falta não é prejuizo, nem tampouco dá motivo para censura.

E se alguém ousasse dizer que o fizemos por medida de economia, provar-lhe-íamos o contrario — basta ver o tamanho do «Lábaro»: está visivelmente maior. E tem, apenas, vinte e um dias de vida!...

Inda crescerá? Quem sabe?

Vontade temos, é muita. Revestidos de coragem e perseverança, marcharemos por diante, sempre com esperança de vencer.

Explicado o caso, prosigamos.

Como ficou dito em nosso primeiro numero, o «Lábaro» é o porta-vóz de um grupo de estudantes.

Noções de sciencia, arremedo de literatura, respigos de historia, tudo isto procuraremos esboçar.

O que estiver ao alcance do nosso conhecimento criticaremos — com sensatez, é claro. E a apreciação alheia, aceitamos, desde que seja desapassionada e criteriosa. Desejamos-a mesmo: ser-nos-á um incentivo.

Carecemos, mas não precisamos de encomios graciosos, não os pedimos, não os queremos, como, também, não toleramos apódos e zombarias.

O programma traçou-se sinceramente, pensadamente, conscienciosamente, e, pelo que veremos assim, ninguém virá dizer mal de nós.

No pai; do sonho

CONFITEOR

Olha: eu sei que outro te aita, que palpita
Outro peito por ti. Noto e conheço
Que a alguém votas paixão justa e infinita,
Que eu não disputo porque não mereço.

Amo-te, é exacto, adoro-te, confesso,
E não deves querer que t'o repita:
E's o objecto do culto que professo,
E amar-te é lei na minha sorte escripta.

Has de vêr-me, por isso, sempre mudo,
Nunca te hei de falar, porque na vida
Quero vêr-te feliz, antes de tudo.

Segue, portanto, e deixa-me sózinho;
Deixa apenas que esta alma dolorida
Espalhe versos pelo teu caminho.

(Poeta)

Humberto de Campos

NÓS DOIS

Desprezemos, impavidos, Querida,
Os invejosos que turbar procuram
O destino feliz de nossa vida,
—A turba-multa dos que nos censuram.

Desprezemos-os, todos. Repellida,
Essa horda de perversos que murmuram
Contra ti, contra mim, terá guarida
No covil onde os nescios se enclausuram.

Não nos importe que este se compraza
Disto, ou que aquelle de furor se tome;
Deixemol-os no olvido, pela rasa.

Pois no mundo não ha, não ha quem dome
Esta sêde de amor que nos abraça,
Esta sêde de amor que nos consome!

XXVIII/VI/MCMXXI

Matta Roma

Analysando...

Nada ainda ficou resolvido sobre a entrada dos alumnos avulsos no Lyceu Maranhense para assistirem as aulas praticas de physica e chimica.

Procurado diversas vezes por uma comissão de preparatórios, na gosa-se o Dr. Presidente do Estado a receber. Ou seja por ter de dar soluções a casos mais serios, ou por não querer estar em contacto directo com aquelles rapazes, o certo é que sempre mandava o seu official de gabinete despaçar o, por não ser possível attender a comissão.

Isto por duas ou tres vezes! Não queriam elles pedir ao Dr. Presidente do Estado favôr algum que trouxesse prejuizo ao seu governo. Não.

Foram a palacio falar com S. Ex. para reclamar contra o acto impiedoso do Director do Lyceu, que lhes tem trancadas as portas daquelle estabelecimento de ensino, como se fossem elles elementos nocivos á sociedade.

Não possuindo esta sobre terra — a não ser o do Lyceu Maranhense — um laboratorio onde possam fazer as experiencias exigidas pelos regulamentos, como poderão se submeter no fim do anno a provas praticas de Physica e Chimica?

Praticaram os estudantes alguma crime?

Desrespeitaram alguém dentro do estabelecimento?

No proprio Collegio Pedro II, pelo qual é regido o nosso Lyceu, a entrada a estudantes é franca, desde que se portem convenientemente nas aulas.

A academia de medicina e pharmacia, admite ouvintes em seu seio.

O Lyceu Maranhense, porem, afastasse do paradigma. Assim o quer o Sr. Director.

Diz-se ser orem expresso no governo. Não comprehendemos, Franqueza, que não. Por que motivo assim ordena o Chefe do Estado?

Neste caso, ver-se-ão os estudantes no dever de recorrer ao Conselho Superior de Ensino para solucionar o caso.

E é este o caminho a seguir.

A' procura de professor

Tem se tornado já lamentavelmente notória este anno a falta de professores de mathematica elemental. Diversos rapazes daqui, que se destinam ás escolas superiores, onde o previo exame vestibular d'aquella disciplina é de indispensavel necessidade, desde o começo do anno que andam em busca de um preparador que lhes ministre a materia dos grammas e ainda o não encontraram.

Temos, é verdade, alguns desses professores que bem podiam desempenhar o papel com altura; quasi todos, porém, occupados com os trabalhos absorventes de suas diversas profissões, de pouco tempo dispõem para ensinar. Estão nesse caso, por exemplo, o distincto capitão Theophilo Fonseca — talento pujante velado pelo manto diaphano da Modestia; o capitão José Luzo Torres, uma das mais vigorosas mentalida-

des do nosso exercito; o dr. José de Abranches Moura, mathematico e astrónomo de nomeada e engenheiro, dr. Ramiro B. Ferreira, moço de vasta erudição servida por um brilhante talento, mas que deixou o professorado para ir servir na estrada de ferro.

Outros — e a numero destes é grande — não ensinam porque não querem ou porque têm quasi sempre oanhamento de procurar alumnos, quando estes pullulam por toda a parte.

Em vista disso, e não podendo esses rapazes continuar na falta de um desses preciosos sciencistas que os oriente nas veredas escabrosas do calculo, vêm, por este meio, unico no genero, pedir aos distinctos professores incumbidos que se ponham em evidencia para o que é necessário e sufficiente por um annuncio com o nome e residência nuna qualquer das nossas folhas diarias ou enviá-lo para a nossa redacção, que o «Lábaro» se encarregará de o encaixar em letras garrafas (para que basta o nosso typographo procurar o menor múltiplo commum de todos os nossos tipos) nas suas modestas columnas.

A época em que estamos é de plena decisão e os estudantes, desde já agradecidos, esperam profundamente ansiosos, dos seus futuros professores, uma breve e benevolenta acquiescencia. — X Y Z

A música e o amor

"Music is the food of love".

As palavras sublimes, que animam e bem traduzem o sentimento do homem: o Amor—líder de chá—que devora o coração; a Música—o divino para as feridas da alma! Ambas se confundem; uma abra a outra e as duas, provocando e lascivas, se juntam no prelúdio do drama espiritual.

Berlioz dizia que se o amor não pode dar uma ideia da música, a música pode dar uma ideia do amor, até mesmo ideias, porque a música não traduz o amor, como o inspira. A música acaricia, só derrama doçura. Todas as angustias e aflições são minoradas; todas as dores são curadas, apenas com um simples finger de sons melódicos. O maior instrumento que punha a nossa alma em transformação em prazer, em alegria, quando chegamos até aos nossos ouvidos acariciantes harpões: o coração batido da miséria e da desolação audível e seu tregato, e surgirá vida de novo à vida.

A música é—os bellos leões, as fúrias ardentes, os amplos da carne que se reúnem e se penetram, deixando no coração apenas uma chama ardente.

O amor de Werther bem traduz o sentimento da música. Demetrio diz: "Vem, Iâmila, ante ti, esqueço-me de que sou rei: sou um escravo desta carne, um escravo dos teus olhos; é a tua voz que me delicia e mata".

E assim, quantas mulheres não têm conquistado corações, devido unicamente à doçura da voz, à melodia da alma!

O amor, em toda a parte, e em toda a parte a música. A música, embalando o filho no amor de mãe, o amor, alentando os corações nos belos momentos que se querem!

W. de Souza

Pré-busto Antonio Lobo

Commemorando a mocidade estu-
da desta terra no dia 26 p.p., o
aniversário da morte do grande
nome de letras que foi Antonio
Lobo, achamos opportuno aqui por
estas columnas,—relembrar um fa-
cto que, estando já no esquecimento,
contribuiu para ainda mais
prodiosamente se prestarem homa-
gens ao grande amigo da classe
estudantil.

Antes do busto de Antonio Lobo,
muitos annos fundou-se nesta
cidade, por iniciativa da União Es-
tudantil "Sylvio Romero", um co-
mício com o fim de angariar dinheiro
para perpetuar em bronze a memo-
ria do insigne escriptor.

Organizaram-se festivales sporti-
vos, saes cinematographicas, etc.,
as foram distribuidas em profusão
a comissão iniciadora da ideia.
Pois bem. Chegaram, desta mane-
ra a arrecadar perto de cinco con-
tos de reis, os quaes foram entre-
dos parceladamente ao escultor
Antonio para dar inicio ao tra-
balho, o preço do qual orçava em
sete e dois de reis.

Já lá se vão tres annos, e o Cel-
so Antonio não apresenta o busto e
não diz em que pó se acha a obra.

A U. E. "Sylvio Romero", como
sabemos, não mais existe, pois, hoje
faz parte, assim como suas congene-
res, da Legião dos Athenienses.

O comitê não publicou ainda um
balancete, demonstrando a quanto
monta a quantia entregue ao ar.
Celso. Este, por seu turno, não dá
satisfação alguma sobre o assumpto,
passando o tempo, no Rio, a fazer
atenção...

Têm a palavra os srs. membros
do comitê. E que algo nos digam a
respeito são os nossos desejos.

Os lyrios

(A gentil M. L. R.)

Num prado florido, á sombra de
um carvalho magestoso, achava-se,
uma tarde, desancando da lide de
fazer os corações, o trefego Cupido.

Deitado sobre a relva, olhava, ab-
sorto o manto regato onde cyneas
lindas brincavam, e onde os raios
ambrilhantes do l'hebo reflectiam.

Rolinhos passavam aqui e ali, e
de vez em quando, bandos de gai-
tas passavam, saltando seus navios
trinados naquello ambiente saturado
pelas aromas inebriantes das flores.

De repente, uma borboleta de azes
de ouro, voando, irrequieta, ora pou-
zava em os calices das acueas, ora
la beijar as boninas.

Sorrindo, levanta-se Cupido; ce-
lere corre, e com as suas lotras ma-
deixas ao vento, vai por entre os
canteiros, perseguindo aquelle bello
specimen.

Debalde se lançava o mimado
deus, prestes a alcançá-la, ella, rap-
idez, levantava o vôo, em ondulações
graciosas, e lá pousa na corolla de
outra flor.

Iraado, Cupido toma de uma setta,
e, impunhando o arco, despende-a
certeira.

Ferida mortalmente, cae a pobre-
sinha na ponta da aguda flecha.

Nisto, entre aureolas de luz, surge
a Bondade.

—Que fizeste? pergunta a deusa
admirada.

—Não te contentas em ferir os co-
rações? Para que te teeste a misera
borboleta?

Envergonhado e confuzo, Cupido
balbucou:

—Ella é tão linda!... Pensava
enfeitar a minha aljava; e vendo-a,
seduziu-me a sua bella cor dourada
como a do vosso manto refulgente...

—Fizeste mal, disse-lhe a deusa;
dei-lhe este brilho para ser um adon-
do deste jardim onde brinca ao
sól-por.

Aos corações, as feridas de tuas
settas dão a felicidade que é o A-
mor... Sem elle a Vida é como um
céo sem estrelas, é como um mun-
do sem luz...

E lançando um triste olhar á bor-
boleta, a fada desapareceu por en-
tre veus diamantinos.

Cupido, arrependido do mal que
praticara, junta o animasinho, e de-
pois de beijá-lo, sorre, derramando
pelas margens do placido regato dois
fios de lagrimas de prata.

Dias depois, das lagrimas de Eros
brotaram os Lyrios—imagens per-
sonificadas da Innocencia.

26—VI—921.

Heliotropo

POR BEM OU POR MAL

Para um certo lugar, fôra nomea-
do um professor, muito moço, com
os seus 19 annos, mais ou menos,
hábil na sua profissão e estimado
por todos os que o conheciam.

Caridoso, cheio de bondade, muito
amável, possuía a ridicula mania
das conquistas; e, deste modo, com-
meçou a expandir-se, requestando os
corações das suas jovens discipulas.

Dentre essas, porém, havia uma
muito estudiosa, contando apenas
18 annos de idade, e d'uma belleza
invejável que o attrahia de maneira
vehemente.

O rapaz, entretanto, por sua in-
felicidade, teve sorte contraria: era
recusado pela galante menina que o
tratava com toda a seriedade e res-
peito, proprios para com um mestre.

Isto, no entanto, não chegava para
desanimar, e, eram flores, eram ca-
rinhos, eram ternuras, tudo enfim,
que o tornasse affável e obsequioso.

E, assim, nesta perseverança, foi-
se passando todo o anno, sem con-
seguir a minima prova de amizade.

Dezembro chega. A joven, sempre
firme, inabalavel, estuda para alcan-
çar boas notas nos exames, que es-
tão proximos.

Cansado, então, de trabalhar em
prél do seu amor, elle se aproveita
da occasião para subjugá-la covar-
demente.

E, resolutio, escreve-lhe, em ter-
mos indelicados, prevenindo vingar-
se na sua approvação, se não resol-
vesse a amá-lo.

Tudo transformou-se immediata-
mente.

A menina recebe a carta, e, pou-
cas horas depois, envia-lhe outra,
muito terna, amorosa, dedicando-se
já á sua amizade, pedindo que viesse
vê-la, e, ao mesmo tempo, rogando
que lhe retirasse, no dia seguinte, da
casa dos paes.

E no outro dia, ainda não haviam
nove horas da noite, e os dois já fu-
giam pelo mundo á fóra, através da
mysteriosa escuridão dos caminhos...

A. dos Reis

O pimpão

—Que massada! Logo hoje que
elle queria ir á prova com a Mari-
quinhas, e o diabo da Eustachia não
sair para a costumeira visita aos vi-
sinhos! E de se racher a cabeça de
encontro a estas paredes, rugia o
Lulú, dando um pontapé no gato,
que se viera rogar pelas suas pernas.

Já oito horas! E o ralo da mulher
nem como coiza, ali, a coser na ma-
china.

—Esta só pelo diabo! repisava o
Lulú.

Lulú era um rapaz estouvado, ca-
sado é verdade, mas que gostava de
pernar de vez em quando com as
raparigas.

A Eustachia, sua mulher, já tinha
suspeitado da patifaria, e trazia-o de
olho:—Que diabo! Pois então toda
santa noite o homem largava-se para
a sarandagem, a correr as coxas, e
só voltava lá para as tantas! Aquil-
lo tinha geito? Que desaforada sem-
vergonhice era aquella! Enquanto
ella prosava com os vizinhos, o sa-
fardana muscava-se, e agora o ve-

ria! Havia de descobrir a agrelhinha
toda, tim-tim por tim-tim, olé se o
havia! Não lhe farias o minho atraz
da orelha!

E a Eustachia deixava o ralo do
olho para o marido, que andava para
lá e para cá, no quarto.

—Ora, vejamos o geito daquelle
semvergonha! Qual seria a xirigaita
que o trazia assim pelo beiseinho?
Ah! se a apunhaço de geito!...
Tereia-lhe o gaheto como a um
frango! Havia de pagar-lhe o desa-
foro ali, na pimenta! Esbarrachava-
lhe as ventas para a ensinar a desen-
caminhar os homens casados! Se
ella soubesse onde a patifa morava!
Um dia até tinha expellido o malito,
mas na esquina o patife sumira-se
não sabia porque partes do diabo.
Andava até desconhada com uma
mulata alcoviteira que morava no
ento.

Enquanto a Eustachia monologa-
va, o Lulú dava-se a tratos para a-
char um meio de se saber d'aquella
entalladella. De repente, bateu com
a mão na testa:

—Mas que pedaço de idiota sou
eu! Então eu não sou socio do Ca-
sino? Posso inventar uma sessão
extraordinaria hoje, e dar á canella,
que a Mariquinhas já deve estar
como uma bicha.

—O Eustachia! Hoje eu tenho
sessão no Casino! Já nem me lem-
brava mais. Dá cá o farpella.

A Eustachia levantou-se da ma-
china e foi escovar o fraque eôr do
burro quando fôge, do Lulú.

Prompto, escovado e limpo o Lulú,
a Eustachia disse:

—Voa agora palestrar com as pe-
quenas, e aindinha estás a choramin-
gar no café com sandades d'ellas!

—Qual, minha velha, eu não sou
dessa alta cavallarias.

E sahio.

Quando voltou, encontrou a Eus-
tachia de pé, a coser.

Já passavam das tres da madru-
gada.

—Hum! Temos coiza! A Eusta-
chia de pé é sermão na certa! Apru-
mate, meu velho!

E entrou.

A Eustachia assim que o viu, escla-
mour:

—Que é da tua gravata, Lulú?
O pimpão fez-se verde, mas não
quiz levar a mão ao collarinho, por-
que isso era se confessar réo de adul-
terio. Por isso respondeu:

—É verdade. Que bom pedaço de
idiota me sahiste! Nem para me di-
zeres que eu não levava a gravata!
Lá foi que em reparei. Os meus col-
legas quizeram até mandar comprar
uma na "Exposição"; mas como eu
disse que não era preciso incom-
modo...

Nisto a Eustachia agarrou-o pela
golla do fraque, arrastou-o até em
frente ao espelho, e gritou-lhe:

—Anda patife, semvergonha, des-
carrado, anda vér-te ao espelho, ma-
riola! Ah! Até que enfim! Vocês
pensam que podem comer o milho
e mandar-me á fava, seus safarda-
nas; tu mais a semvergonha tua pa-
reira!

E desandou no sopapo.
Atordoado, o Lulú viu no espelho
que estava de gravata!...

Aristides de L. Ferreira.

PAGINAS ROMANAS

Ao Antefixo

Era manhã. O céu, de um azul pallido, envolvia-se numa bruma transparente, qual um fluctuante voo de gaze. Uma paz profunda, duma dorura tão inebriante, pairava pela risonha natureza. No ar era tão puro que, através do espaço, o ruído ensurdecedor das lanças subia do valle até à floresta.

Fazia-se a guerra entre Roma e Alba-Longa, pelo rei romano Tullus Hostilius, que receando os imprevistos da sua ruína, tratou de engrandecê-la territorialmente.

Tullus, embebido na taxa do egoísmo, não podia suportar o desenvolvimento material de seus vizinhos. Temia usurparem-lhe Roma, de pouco fundada. O seu egoísmo nativista, de quase todos os romanos, foi a causa única da guerra.

Apoderando-se do Alba, subjuguaria sem esforço as outras cidades próximas, esquecendo-se da vida daquelles que expunha a latinar pelo seu talante bellicosos.

E a guerra terminou por um combate entre tres romanos, os Horácios, e tres albanos, os Curiácios.

No seu primeiro encontro, ultimos padroes defensores de suas patrias, que se tinham mantido de pé, sucumbiram dois romanos, ficando feridos os tres albanos.

O sobrevivente illeso do Roma, lesto como um veado fugitivo, escondendo-se por entre as arvores da floresta, conseguiu, devido à sua audácia e presteza, vencer os restantes filhos de Alba.

Roma venceu! Que sorriso de jubilo lhe não encontrou a plússima mãe?

Vencedor incolme!

Inebriado pelo seu triumpho, ajoelhou-se, erguendo a espada vencedora, e fitando o céu, agradeceu o auxilio de Marte, quando foi interrompido pela chegada brusca de sua irmã Camilla.

Esta, como uma louca, os cabellos dispersos, os olhos esbugalhados, a fronte banhada de um suor frio, nervosamente o inquiria numa voz intervallada por uma respiração offegante.

Horácio! Que fizeste, meu irmão! Este se ficou imóvel e attonito ante a agonia e a inquietação da irmã, e num brado eloquente, respondeu: — O que fiz? Dei a victoria a Roma!

E Camilla, afflicta — Mataste por ventura a Curiácio?

— Matou-o. Porque perguntas assim? Lastimas por acaso a morte duma inimiga de Roma?

E Camilla, chorosa — Profundamente lastimo!

Amava-o, e o amo ainda... deixando cair dos olhos duas lagrimas tristes.

Então Horácio marchou para ella enfurecido.

— Oh! romana indigna! Oh! perdidia imperdoavel!

E Camilla voiferou: — Indigno é todo aquelle que, pela força brutal e assassina de uma espada, rouba o unico arrimo duma pobre mulher! Uma chamma de odio envolveu Horácio.

As palavras da irmã pareciam-lhe ter derramado sobre seu coração o fardo do barbarismo, e empanhando a arma que lhe deu a gloria, misturou

o sangue de Curiácio, que se tinha ficado na sua lamina, com o de Camilla, desprezando por amor a patria, os laços de consanguinidade que os unia.

A infeliz romana cahiu desamparada sobre a relva, transformando-a de verde em cor d'escarlate.

Horácio levantando a cabeça e olhando novamente para o céu, proferiu num grito de victoria — Ave Marte!

E desapareceu.

Era tarde. O sol já moribundo, reflectia seus ultimos raios de luz amorteceida sobre uma faixa de sangue, que escoregando por um sulco viera de se juntar a uma outra, que também a procurava.

E que na morte uniam-se dois corações, que, na vida se amaram... 10-7-321.

Carlos R. Martins.

Retratando...

M. L. S.

Pertencente à flor da aristocracia anaranhense, é a nossa retratada de hoje um dos seus mais bellos ornamentos.

Morena, de estatura regular, de porte airoso, possui essa nossa gentil conterranea um bello tipo de mulher andaluza.

Rosto oval, illuminados por dois negros olhos que vencem os mais fortes corações, é dona de um sorriso encantador.

Seus cabellos, mais negros que as azas da grãns, são bastos e sedosos.

Vemol-a sempre no cinema, lá no alto de um camarote, e não raras vezes nas avenidas de nossa capital, com aquelle seu chapuzinho preto de abas largas, emprestando, com seu elegante porte, mais alegria e vida aos nossos olhos.

Perdoe-me a gentil senhorita, se o retratista não é habil. Muitas vezes o retrato não representa exactamente a belleza do original.

CRAYON

Professor Gonzaga dos Reis

Ha dias, acha-se doente este nosso presado amigo.

Gonzaga dos Reis leciona com proficiencia Physica Chimica e Historia Natural no Curso profissional do Lyceu e em quase todos os collegios de ensino secundario da Capital, onde goza um largo circulo de amizade, de forma que tem muito se feito sentir a sua molestia.

Nós, que contamos em Gonzaga dos Reis um mestre e amigo, fazemos votos pelo seu restabelecimento.

ANTONIO LOBO

Consoante noticiamos em o nosso numero anterior, realison-se a 26 do mez passado, com a maxima solemnidade e assistida pelo escol social, a sessão em homenagem ao saudoso escriptor.

Presidiu-a o brilhante intellectual Dr. Antonio Lopes, ladeado pelos professores Domingos Affonso Machado e José Monteiro. Tomou um lugar de honra distinctissima senhorita Marietta Lobo, filha do mestre.

Após terem falado diversos alumnos das escolas municipaes, o poeta Oliveira Roma pronanciou um bem acabado discurso, José Monteiro, Astrolábio Caldas e José Curiano, incantaveis paladinos da "Revista Maranhense", promotores da homenagem, leram magnificos trabalhos a respeito do inesquecivel proador. Extenuou-se, tambem, sobre o nome do mestre, o illustre Dr. Filogenio Lisboa, que produziu um bello improviso.

Encerrando a sessão, falou o Dr. Antonio Lopes. O festejado e scintillante chronista, um dos mais bellos talentos da nova intelectualidade maranhense, em coloridas phraxes discorreu longamente, por entre applausos, sobre a personalidade de Antonio Lobo, frisando bem, em palavras incisivas, a causa do tragico fim do mestre querido.

Parabens aos da "Revista Maranhense".

Avante!

Procuraram-me, ha poucos dias, alguns collegas, que me transmitiram a alicatareia nova da fundação de um jornalinho, que seria o paladino das ideias emancipadoras da classe estudiosa desta terra.

Nesta occasião, convidaram-me para fazer parte, como um dos vinte membros que compõem o corpo dirigente desse periodico. Achei uma ideia nobre e merecedora de applausos. Abracei-a, não me animando, porém—dada a minha rudeza—a escrever duas linhas, sequer, até agora.

A publicação, entanto, do primeiro numero desse jornalinho, que teve optimo acolhimento pelo povo da nossa terra, encitou-me a deixar o meu retratamento, acrisolando-me o entusiasmo pela feliz iniciativa.

E assim que venho hoje, pela primeira vez, escrever para um jornal, tanguio mais pela consideração que os meus collegas tiveram para commigo, do que por vontade propria.

Apezar de sermos ainda novicos em lides jornalisticas, não constitue esta circumstancia motivo por que desanimemos na tarefa encetada.

Batalhadores que nos fizemos do soerguimento espirital dos novos, não nos intini-

IDÉAL

Não sei que dores, meu Deus, Dentro de minha alma encerro! Há nuvens nos sonhos meus, Duma frieza de ferro.

Sonhando glorias, sonhando Coisas bellas e fulgentes, Vou, em lagrimas, trilhando Estes caulinhos ardentes.

Talvez, no fim do horizonte Desta marcha triumphal, Eu descanse minha froete, Encontrando meu phanal.

Talvez no fim da jornada, Depois de tanto baldor, Eu te veja, minha amada, E consiga teu amor.

1-7-321.

Olavo Serra

dam os obstaculos que, porventura, se nos antolharem.

Na persistencia deste nosso tentamen, temos a inspirar-nos e guiar-nos os grandes vultos do passado, que se impuzeram pela sua cultura, pelo seu talento e pelo seu valor demonstrados tantas vezes e em tantos prelios ingentes, dos quaes, podemos citar, n'anosos—Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Gomes de Souza.

E' assim, pois, que devo dirigir uma palavra de estímulo aos companheiros, concitando-os a trabalharmos solidarios e com tenacidade inquebrantavel pela consecução do ideal exposto, para que sejamos dignos da terra que nos foi berço.

G. Moreira.

JOÃO DO RIO

Na noite do dia 24, o Rio foi enlutado pela morte de um dos seus mais brilhantes escriptores e chronistas.

João Paulo Coelho Barreto, que escrevia sob o pseudonimo de João do Rio, era dentre os escriptores modernos, um dos mais procurados e lidos, pela originalidade de seu estylo.

O illustre morto, que deixou cerca de 23 obras publicadas, comprehendendo — romances, contos, chronicas, conferencias, traducções, etc., era membro da Academia Brasileira de Letras, Instituto Historico e Academia de Sciencias de Lisboa.

Alem de escriptor era João do Rio jornalista, e dirigia um dos diarios cariocas, "A Patria", que em pouco tempo, graças ao seu talento, se tornou um dos mais apreciados matutinos da Capital Federal.

Athenienses que somos, choramos a irreparavel perda das letras nacionaes.

EPIDEMIAS

O Maranhão, ultimamente, tem sido cenário de diversas epidemias.

Ficará, caro leitor, por certo, admirado do que digo, pois depois da gripe espanhola, nenhuma outra doença contagiosa assolou o Maranhão.

Mas as epidemias de que falo, são de outra natureza.

São os abundantes casamentos, escândalos, concertos que ultimamente se têm realizado. Isto é que eu classifico como epidemias que têm atacado a nossa pacata capital.

A primeira foi uma das que mais contaminaram.

Não posso enumerar o sem numero de casamentos realizados no mez passado, pois seria fastidioso para mim e para o leitor. Pergunta, meu leitor, ao padre Chaves. Elle saberá ao certo. Parecia que por muitos annos não havia casamentos aqui em S. Luiz, e por isso houvesse *acumulação*. Mas, não. Estes não se deixaram de realizar durante o anno; a questão é que no mez passado a epidemia alastrou.

Por uma moda antiga, os casamentos eram quasi sempre aos sabbados; durante a epidemia, os atacados já não podiam esperar pelo sabbado; consorciavam-se pelo meio da semana. Esta doença foi muito contagiosa. Quem escapou rendia graças a Deus.

Até os velhos; os velhos foram victimas. Exemplo disto temos naquella casamento de macrobios. Elle com cento e poucos annos, ella quasi na casa dos noventa. Phenomeno tal só em uma epidemia como esta.

Logo depois, ou quasi no mesmo tempo, presenciamos a outra, a dos escândalos, que, por felicidade, não se alastrou muito, sendo pequeno o numero dos epidemicos.

A terceira, que tem sido a mais durativa, é a dos concertos.

Principiou, os leitores devem estar lembrados, com aquelle baritono chileno Leopoldo Gutierrez. Depois deste, veio o maestro Luiz Valerio de Souza Brandão, violoncellista e cantor, que deu dois concertos.

Não tinhamos ainda tomado felego destas ultimas facadas, quando chegou o trio Reis e Silva. Outro concerto. Passado pouco tempo, e quasi que juntos vieram a violinista Mesódi Baruel e o guitarrista português Marques Coelho. Foram mais tres concertos para a serie... a seguir...

Embarcados que foram estes os jornaes de hontem publicaram haver chegado do sul o

baritono italiano Oscar Lattanzi que pretende dar aqui dois concertos. E creio que não ha de parar ali; depois do sr. Lattanzi hão de vir outros e outros, para dar logar a que nossos nickeis se tresmalhem, fugindo do aprisco de nossa agibeira.

S. Luiz, 26/6/1921.

Por occasião das homenagens prestadas a Antonio Lobo, esgotado o numero de oradores inscriptos, pedia a palavra o talentoso e eminente hygienista Dr. Filogonio Lisboa, e, ardoroso, eloquente, soberbo, improvisou uma transcendental peça oratoria.

Não nos furtamos o desejo de resumir...

O joven Cicero, começou dizendo que era da Loja Maçônica "17 de Outubro"; que a Loja fôra convidada para tomar parte nas homenagens que se prestavam a Antonio Lobo, mas que nenhum dos maçons compareceria; nem elle mesmo, por isso que ignorava se se tratava de Antonio Lobo; julgava ser um preito de veneração a algum general ou herde guerroiro, personalidades estas que detestava, pois que estivera no front da grande guerra, e ali, trabalhando com o risco da propria vida, a ver, toda hora, o que faziam os militares, aprendera a odiar-lhes.

Mas, lendo naquella dia o "Diário Oficial", certificara-se que de facto, commemorava-se era a morte do mestre, e estava ali para associar-se ao preito de homenagem que lhe rendiam os moços.

Depois, dissertando sobre Antonio Lobo, disse "que o mestre foi um dos que protestou ardorosamente contra o analfabetismo; que foi um dos que venceu pelo proprio esforço; que foi um dos que mais trabalhou pelo progresso intelectual do Maranhão". (sic)

Pelo seu monumental discurso, o famoso escultor prova irrefutavelmente que percorreu toda a Europa, não lhe escapando nem a seductora Soles.

Baboua tardamente, parabens ao Dr. Filogonio e ao Maranhão.

Respondo.

"O Sertão"

Dirigida pelos nossos talentosos confrades Souza Bispo e Isaac Ferreira, surgiu a luz da publicidade, a bella revista-nha cujo nome nos serve de epigraphe.

Que tenha vida duradoura "O Sertão".

Uma Palestra

A convite da conceituada sociedade literaria "Legião dos Athenienses", assistimos a magnifica conferencia sobre a Dúvida que realizou o fulgurante poeta chapadinhense Oliveira Roma.

Gratos pela hora de deleite que, hontem à noite, nos proporcionou a Legião, enviamos a Oliveira Roma os nossos sinceros emboras.

"Tavola do Bom Humor"

Recebemos o Memorial do Torneio Magno realisado pela Tavola do Bom Humor, sociedade que, como indica o nome, cultiva o humorismo.

Alem de outras interessantes notas, encontra-se nelle um castigo discurso de S. Exc. o Sr. Cavaleiro Maior da Tavola, discurso que bem attesta o talento e preparo de Chrisostomo de Souza—um dos que mais trabalham pelas nossas letras.

Effectivamente, pela esfuante "Fita", organ da "Tavola", Chrisostomo de Souza e Teixeira Leite, Filho, têm mostrado o quanto são perseverantes em prol da ideia que lançaram a execução.

Agradecendo, não só a gentileza da offerta, como também as palavras de estímulo que, ao noticiar o nosso apparecimento, nos dirigiram, promettemos visital os.

Alta noite

Alta noite... A's magnificencias extraordinarias de um luar argentino e enlevante, dormia um lindo mancoço que, pelo amor alli jasia, depois de haver meditado sobre algo do que lera no livro de sua predilecção—o amor, subito, embeveado sonha ver ante a esplendidez maravilhosa daquella scena da natureza, ao longe, na adá desalentadora incerteza, a apparição, da imagem de sua bem amada que se aproximava com o pisar tão leve como o vôo de uma garça real. Ao avistar-se do jovem, tira do honesto seio de jasper, uma carta, e ill'a entrega. Era em resposta a de uma que permanencia acalentada pelo calor febril daquelle seio alvo como as neves de Junho. Mathias, seu velho tio acompanhara-o e como percebeu o objectivo deste encontro, investiu contra a infeliz moça, para tomar-lhe a. Este impalido, suspirando, e nua de energia, a pô firme, enfrentou o casado inimigo, com toda gallardia. O mancoço relanceou esgaradamente o olhar em redor. Sarcasava a solidão, arvoredo cerrado. As ramas altas dos pinheiros gemiam com um gemer doemente e remoto.

A lozen que nada percebera do que se passava entre os dois, calava, murmurando: "Não sei, meu Deus, como explicar o acto indigno e injustificavel do mentiro? Como demonstrar o sentimento do amor que sinto pelo meu bem amado na mudez eloquente d'alma?"

Depois de alguns minutos voltou a si, impulsionado pelos violentos ataques do seu coração assustado, pôz-se a correr em demanda do socorro.

Mathias, furioso, partiu a procura de seu irmão no proposito de communicar-lhe o ocorrido.

O mancoço, depois de muito hesitou, comprehendendo que devia seguir aquella densa que tanto adorava, aquella flor de seu jardim, aquelle sonho de seus sonhos e imagem de seus olhos apaixonados.

Seguia-a. Muito lhe custou saber seu paradeiro. Depois de diversas informações, soube que havia entrado em casa de uma senhora religiosa.

Tinha esta um filho, um bonito rapaz. Este, tendo o cumulo de aflicções, e o modo pelo qual a menina as encarava, apaixonara-se por ella. Qual! Debalde! A menina, nem uma só vez, fitou os olhos que talvez tivessem a força dos da serpente.

O Adão daquelle, Eva, logo que soube verdadeiramente onde a podia encontrar, corre para a consolar. Chega, bate. A menina pensando que se tratava com seu pai e seu tio exasperado, pede a senhora que a salve!—Oxalá! que não seja quem pensa! disse a senhora.

Ao saber que era um moço dos olhos pretos, cabellos, salta como a corça da mata, mais veoz que o vôo de uma pombinha branca, quando corta a atmosfera em procura de um novo pombo; e, vai emplorar-lhe de joelhos que a não desamparasse. Elle, intrepido e ao mesmo tempo carinhoso ergue a delicadamente e diz-lhe: "Tu és minha, toda minha!" Ao acabar de pronunciar estas palavras, deixou escaparem os labios na face linda e fresca da sua querida. Algumas horas depois, agradeceram penhoras do bom acolhimento que lhes dera a dona da casa, e dirigiram-se a residência do capelão de uma igreja para os consorciarem.

Como o mancoço fosse 3.º annista de medicina, combinaram nessa mesma hora, que elle terminasse os seus estudos, e que a moça fosse para um convento até que seu esposo voltasse a terra natal.

Passada uma hora, a senhora estava num convento de irmã de caridade e elle em preparativos para seguir a viagem e continuar os estudos.

Agora, caros leitores, calculem quantos e quaes os soffrimentos não passaram estes dois corações, durante estes 3 annos de separação!... Depois destes 3 annos, para quem ama, recebia ella a seguinte carta:

Saudades

Acabo de triumphar no meio dos clinicos, só me resta cumprir esta obrigação que me opprime,.... Repara-me no proximo vapor.

Adem.

D'ahi a 10 dias via-se a entrada do porto, um grande navio a fume-gar. O medico chegou, saltou e correu em direcção ao convento em que se achava a querida esposa. O contentamento foi tão grande na occasião em que se acharam juntos, que não ha palavra que possa explicar esse sentimento.

Estava o mancoço tão feliz junto á estrella benedicta e amada, quando acordou.

Seria mais feliz si isso fosse uma realidade.

Francisco C. Araújo.

EXPEDIENTE

O "Lábaro" sahirá quando lhe convier.

Não se aceitam assignaturas.

Não se contractam annuncios.

Numero avulso \$200

Redacção: Rua "Candido

Mendes" n. 45.

Proseguindo

Pela segunda vez apparece o «Lábaro».

E, porque obedecemos aos mestres, concordamos com o que disse não ter Camões reflectido ao pospôr aquelle desnecessario e intruso artigo ao titulo do seu magnifico poema; e, concordando, alteramos o nome do nosso jornalzinho: de hoje em diante, chamal-o-mos «Lábaro».

E nisto, cremos, não ha contradição, absolutamente: quem sabe do erro para o acerto não se contradiz. Evolue.

O articular que precedia o titulo do nosso jornalzinho era uma excessão ridicula, sem utilidade alguma; de forma que a sua falta não é prejuizo, nem tamponco dá motivo para censura.

E se alguém ousasse dizer que o fizemos por medida de economia, provarelhamos o contrario: haja vista o tamanho do «Lábaro»; está visivelmente maior. E tem, apenas, vinte e um dias de vida!...

Inda crescerá? Quem sabe?

Voluntade temos, e muita. Revestidos de coragem e perseverança, marcharemos por diante, sempre com esperança de vencer.

Explicando o caso, prosigamos.

Como ficou dito em nosso primeiro numero, o «Lábaro» é o portavoz de um grupo de estudantes.

Noções de sciencia, arremedo de literatura, respigos de historia, tudo isto procuraremos esboçar.

O que estiver ao alcance do nosso conhecimento criticaremos—com sensatez, é claro. E a apreciação alheia, acceptamol-a, desde que seja desapaixonada e criteriosa. Desejamol-a mesmo; ser-nos-á um incentivo.

Carecemos, mas não precisamos de encomios graciosos, não os pedimos, não os queremos, como, tambem, não toleramos apódos e zombarias.

O programma traçou-se sinceramente, pensadamente, conscienciosamente, e, pelo que queremos assim, ninguém virá dizer mal de nós.

No paiz do sonho

CONFITEOR

Olha: eu sei que outro te ama, que palpita
Outro peito por ti. Noto e conheço
Que a alguém votas paixão justa e infinita,
Que eu não disputo porque não mereço.

Amo-te, é exacto, adoro-te, confesso.
E não deves querer que t'o repita:
E's o objecto do culto que professo,
E amar-te é lei na minha sorte escripta.

Has de vêr-me, por isso, sempre mudo.
Nunca te hei de falar, porque na vida
Quero vêr-te feliz, antes de tudo.

Segue, portanto, e deixa-me sózinho.
Deixa apenas que esta alma dolorida
Espalhe versos pelo teu caminho.

(Poeta)

Humberto de Campos

NÓS DOIS

Desprezemos, impavidos, Querida,
Os invejosos que turbar procuram
O destino feliz de nossa vida,
—A turba-multa dos que nos ceasuram.

Desprezemos-os, todos. Repellido,
Essa horda de perversos que murmuram
Contra ti, contra mim, terá guarida
No covil onde os necios se enclausuram.

Não nos importe que este se compraza
Disto, ou que aquelle do furor se tome;
Deixemos-os no olvido, pela rasa.

Pois no mundo não ha, não ha quem dome
Esta sede de amor que nos abrasa,
Esta sede de amor que nos consome!

Matta Roma

XXVIII VI/MCMXXI

Analysando...

Estamos já no meado do anno, e nada ainda ficou resolvido sobre a entrada dos alumnos avulsos no Lyceu Maranhense para assistirem as aulas praticas de physica e chimica.

Procurado diversas vezes por uma commissão de preparatorios, negou-se o Dr. Presidente do Estado a recebê-la. Ou seja por ter de dar soluções a casos mais serios, ou por não querer estar em contacto directo com aquelles rapazes, o certo é que sempre mandava o seu official de gabinete despachal o, por não ser possível attender a commissão.

Isto por duas ou tres vezes! Não queriam elles pedir ao Dr. Presidente do Estado favor algum que trouxesse prejuizo ao seu governo. Não.

Foram a palacio falar com S. Ex. para reclamar contra o acto impiedoso do Director do Lyceu, que lhes tem trancado as portas daquelle estabelecimento de ensino, como se fossem elles elementos nocivos á sociedade.

Não possuindo esta sobre terra— não ser o do Lyceu Maranhense—um laboratorio onde possam fazer as experiencias exigidas pelos regulamentos, como poderão se submeter no fim do anno a provas praticas de Physica e Chimica?

Praticaram os estudantes algum crime?

Desrespeitaram algum dentro do estabelecimento?

No proprio Collegio Pedro II, pelo qual é regido o nosso Lyceu, a entrada a estudantes é franca; desde que se portem convenientemente nas aulas.

A academia de medicina e pharmacia, admite ouvintes em seu seio.

O Lyceu Maranhense, porem, afeita-se do paradigma. Assim o quer o Director.

Dizelle ser ordem expressa do governo. Não comprehendemos. Franqueza, que não. Por que motivo assim ordena o Chefe do Estado?

Neste caso, ver-se-ão os estudantes no dever de recorrer ao Conselho Superior de Ensino para solucionar o caso.

E é este o caminho a seguir.

A procura de professor

Tem-se tornado já lamentavelmente notória este anno a falta de professores de mathematica elementar. Diversos rapazes daqui, que se destinam ás escolas superiores, onde o previo exame vestibular d'aquella disciplina é de indispensavel necessidade, desde o começo do anno que andam em busca de um preparador que lhes ministre a materia dos programmas e ainda o não encontraram...

Temos, é verdade, alguns desses professores que bem podiam desempenhar o papel com altura; quasi todos, porém, occupados com os trabalhos absorventes de suas diversas profissões, de pouco tempo dispõem para ensinar. Estão nesse caso, por exemplo, o distincto capitão Theophilo Fonseca—talento pujante velado pelo manto diaphano da Modestia; o capitão José Luzo Torres, uma das mais vigorosas mentalidades

des do nosso exercito; o dr. José de Abranches Moura, mathematico e astrónomo de nomeada e engenheiro, dr. Ramiro B. Ferreira, moço de vasta erudição servida por um brilhante talento, mas que deixou o professorado para ir servir na escuridão de ferro...

Outros—e o numero destes é grande—não ensinam porque não querem ou porque têm quasi sempre acanhamento de procurar alumnos, quando estes pullulam por toda a parte.

Em vista disso, e não podendo os esses rapazes continuar na falta de um desses preciosos e cicerones que os oriente nas veredas esbrosas do calculo, vêm, por este meio, unico no genero, pedir aos distinctos professores incógnitos que se ponham em evidencia—para o que é necessario e sufficiente por um annuncio com o nome e residência numa qualquer das nossas folhas diarias ou enviar o para a nossa redacção, que o «Lábaro» se encarregará de o encaixar em letras garráfas (para que bastem ao nosso typographo proenhar o menor multiplo commum de todos os nossos typos) nas suas modestas columnas.

A época em que estamos é de plena decisão e os estudantes, desde já agradecidos, esperam profundamente enciosos, dos seus futuros professores, uma breve e benevola acquiescencia. —X Y Z

PAGINAS ROMANAS

As Antefaladas

Era manhã. O céu, de um azul pálido, envolvia-se numa bruma transparente, qual um fluctuante voo de gaze. Uma paz profunda, duma doçura tão inebriante, pairava pela ribonha natureza. E o ar era tão puro que, através do espaço, o ruído ensurdecedor das lanças subia do valle até a floresta.

Fazia-se a guerra entre Roma e Alba-Longa, pelo rei romano Tullius Hostilius, que reccidando os impendentes da sua ruína, tratou de engrandecel-a territorialmente.

Tullius, embelhado na tape do egoismo, não podia suportar o desenvolvimento material de seus vizinhos. Temia usurpagem-lhe Roma, do pouco fundada. O seu egoismo nativista, de quase todos os romanos, foi a causa unica da guerra.

Apoderando-se do Alba, subjuguaria sem estorvo as outras cidades proximas, esquecendo-se da vida daquelles que expunha a batalhar pelo seu talante bellicos.

E a guerra terminou por um combate entre tres romanos, os Horacios, e tres albanos, os Curiaçios.

No seu primeiro encontro, ultimos padroes defensores de suas patrias, que se tinham mantido de pé, succumbiram dois romanos, ficando feridos os tres albanos.

O sobrevivente illuso do Roma, flecto como um veado fugitivo, exultando como um leão vencedor.

Horacio! Que fizeste, meu irmão! Este se ficou immo e attonito ante a agonia e a iniquitação da irmã, e num brado eloquente, respondeu:—O que fiz? Dei a victoria a Roma!

E Camilla, adicta:—Mataste por ventura a Curiaço?

—Matei-o. Porque perguntas assim? Testimonho por acaso a morte dum inimigo de Roma?

E Camilla, chorosa:—Profundamente lastimo!

Amava-o, e o amo ainda... deixando cair dos olhos duas lagrimas tristes.

Então Horacio marchou para ella enfurecido.

—Oh! romana indigna! Oh! perdida imperdoavel!

E Camilla vociferou:—Indigno é todo aquelle que, pela força brutal e assassina de uma espada, rouba o unico sorriso duma pobre mulher!

Uma chamma de odio envolveu Horacio.

As palavras da irmã pareciam-lhe ter derramado sobre seu coração o fardo do barbarismo, e empanhando a arma que lhe deu a gloria, misturou

o sangue de Curiaço, que se tinha flectido na sua lamina, com o de Camilla, desprezando por amor a patria, os laços de consanguinidade que os unia.

A infeliz romana cahiu desamparada sobre a relva, transformando-a de verde em cor d'escarlate.

Horacio levantando a cabeça e olhando novamente para o céu, proferiu num grito de victoria:—Ave Marte!

E desapareceu.

Bra tarde. O sol já moribundo, reflectia seus ultimos raios de luz a mortecida sobre uma faixa de sangue, que escoregando por um sulco viera de se juntar a uma outra, que também a procurava.

E que na morte uniam-se dois corações, que, na vida se amaram... 10—7—921.

Carlos R. Martins.

Retratando...

M. L. S.

Pertencente á flor da aristocracia maranhense, é a nossa retratada de hoje um dos seus mais bellos ornamentos.

Morená, de estatura regular, de porte airoso, possui essa

beleza que se traduz no olhar, no sorriso, na expressão da fisionomia.

Hoje está, dignificada por doçura e nobreza, que se traduz no olhar, no sorriso, na expressão da fisionomia.

Seus cabellos, muito negros, que as azis da grana, são bastos e sedosos.

Vemol-a sempre no cinema, lá no alto de um camarote, e não raras vezes nas avonidas de nossa capital, com aquelle seu chapeuzinho preto de abas largas, emprestando, com seu elegante porte, mais alegria e vida aos nossos olhos.

Perdoe-me a gentil senhorita, se o retratista não é habil. Muitas vezes o retrato não representa exactamente a belleza do original.

CRAYON

Professor Gonzaga dos Reis

Ha dias, acha-se doente este nosso presado amigo.

Gonzaga dos Reis lecciona com proleciencia Physica Ghimica e Historia Natural no Curso profissional do Lyceu e em quase todos os collegios de ensino secundario da Capital, onde goza um largo circulo de amizade; de forma que tem muito se feito sentir a sua molestia.

Nós, que contamos em Gonzaga dos Reis um mestre e amigo, fazemos votos pelo seu restabelecimento.

ANTONIO LOBO

Consoante noticiamos em o nosso numero anterior, realiso-se a 26 do mez passado, com a maxima solemnidade e assistida pelo escol social, a sessão em homenagem ao saudoso escriptor.

Presidiu-a o brilhante intelectual Dr. Antonio Lopes, ladeado pelos professores Domingos Affonso Machado e José Monteiro. Tomou um logar de honra a distinctissima senhorita Marietta Lobo, filha do mestre.

Após terem falado diversos alumnos das escolas municipaes, o poeta Oliveira Roma pronunciou um bem acabado discurso. José Monteiro, Astrolabio Caldas e José Curiano, incansaveis paladinos da "Revista Maranhense", promotora da homenagem, leram magnificos trabalhos a respeito do inesquecivel prosador. Externou-se, também, sobre o nome do mestre, o illustre Dr. Filogonio Lisboa, que produziu um bello improviso.

Encerrando a sessão, falou o Dr. Antonio Lopes. O festejado e scintillante chronista, um dos mais bellos talentos da nova intelectualidade maranhense, em coloridas phrazes discorreu longamente, por entre applausos, sobre a personalidade de Antonio Lobo, frisando bem, em palavras incisivas, a causa do tragico fim do mestre querido.

Parabéns á da "Revista Maranhense".

Avante!

Protestamos, os seus amigos, alguns collegas, que não transmitiram a alvicaireira nova da fundação de um jornalzinho, que seria o paladino das idéias emancipadoras da classe estudiosa desta terra.

Nesta occasião, convidaram-me para fazer parte, como um dos vinte membros que compõem o corpo dirigente desse periodico. Achei uma idéia nobre e merecedora de applausos. Abracei-a, não me animando, porém—dada a minha rudeza—a escrever duas linhas, sequer, até agora.

A publicação, entanto, do primeiro numero desse jornalzinho, que teve optimo acolhimento pelo povo da nossa terra, encitou-me a deixar o meu retratamento, acrisolando-me o entusiasmo pela feliz iniciativa.

E' assim que venho hoje, pela primeira vez, escrever para um jornal, tängido mais pela consideração que os meus collegas tiveram para commigo, do que por vontade propria.

Apezar de sermos ainda novicos em lides jornalisticas, não constitue esta circumstancia motivo por que desanimemos na tarefa encetada.

Batalhadores que nos fizemos do soerguimento espirital dos novos, não nos intimi-

IDEAL

Não sei que dores, meu Deus, Dentro de minha alma encerro! Há nuvens nos sonhos meus, Duma frieza de ferro.

Sonhando glorias, sonhando Cozas bellas e fulgentes, Vou, em lagrimas, trilhando Etes cam'inhos ardentes.

Talvez, no fim do horizonte Desta marcha triumphal, Eu descanse minha fronte, Encontrando meu phanal.

Talvez no fim da jornada, Depois de tanto baldor, Eu te veja, minha amada, E consiga teu amor.

1—7—921.

Olavo Serra

dam os obstaculos que, porventura, se nos antolharem.

Na persistencia deste nosso tentamen, temos a inspirar-nos e guiar-nos os grandes vultos do passado, que se impuzeram pela sua cultura, pelo seu talento e pelo seu valor demonstrados tantas vezes e em tantos prelios ingentes, dos quaes, podemos citar, ufanosos—Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Gomes de Souza.

E assim, pois, que deves decriptar uma palavra de vinctulo aos companheiros, concitando-os a trabalharmos solidarios o cum'primento da nobreza, a tal ponto, para que seamos dignos da terra que nos foi berço.

G. Macieira.

JOÃO DO RIO

Na noite do dia 24, o Rio foi enlutado pela morte de um dos seus mais brilhantes escriptores e chronistas.

João Paulo Coelho Barreto, que escrevia sob o pseudonimo de João do Rio, era dentro os escriptores modernos, um dos mais procurados e lidos, pela originalidade de seu estylo.

O illustre morto, que deixou cerca de 23 obras publicadas, comprehendendo — romances, contos, chronicas, conferencias, traducções, etc., era membro da Academia Brasileira de Lettras, Instituto Historico e Academia de Sciencias de Lisboa.

Alem de escriptor era João do Rio jornalista, e dirigia um dos diários cariocas, "A Patria", que em pouco tempo, graças ao seu talento, se tornou um dos mais apreciados matutinos da Capital Fedetal.

Athenienses que somos, choramos a irreparavel perda das lettras nacionaes.

EPIDEMIAS

O Maranhão, ultimamente, tem sido cenário de diversas epidemias.

Ficará, caro leitor, por certo, admirado do que digo, pois depois da gripe espanhola, nenhuma outra doença contagiosa assolou o Maranhão.

Mas as epidemias de que falo, são de outra natureza.

São os abundantes casamentos, escândalos, concertos que ultimamente se têm realizado. Isto é que eu classifico como epidemias que têm atacado a nossa pacata capital.

A primeira foi uma das que mais contaminaram.

Não posso enumerar o sem número de casamentos realizados no mez passado, pois seria fastidioso para mim e para o leitor. Pergunta, meu leitor, ao padre Chaves. Elle saberá ao certo. Parecia que por muitos annos não havia casamentos aqui em S. Luiz, e por isso houvesse *accumulação*. Mas, não. Estes não se deixaram de realizar durante o anno; a questão é que no mez passado a epidemia alastrou.

Por uma moda antiga, os casamentos eram quasi sempre nos sabbados; durante a epidemia, os atacados já não podiam esperar pelo sabbado; consorciavam-se pelo meio da semana. Esta doença foi muito contagiosa. Quem escapou renda graças a Deus.

Até os velhos, os velhos foram victimas. Exemplo disto temos naquella casamento de macróbios. Elle com cento e poucos annos, ella quasi na casa dos noventa. Phenomeno tal só em uma epidemia como esta.

Logo depois, ou quasi ao mesmo tempo, presenciámos a outra, a dos escândalos, que, por felicidade, não se alastrou muito, sendo pequeno o numero dos epidemicos.

A terceira, que tem sido a mais durativa, é a dos concertos.

Principiou, os leitores devem estar lembrados, com aquelle baritono chileno Leopoldo Gutierrez. Depois deste, veio o maestro Luiz Valerio de Souza Brandão, violoncellista e cantor, que deu dois concertos.

Não tínhamos ainda tomado ologio destas ultimas facadas, quando chegou o trio Reis e Silva. Outro concerto. Passado pouco tempo, e quasi que juntos vieram a violinista Mesódi Baruel e o guitarrista português Marques Coelho. Foram mais tres concertos para a se... a seguir...

Embarcados que foram estes, já os jornais de hontem publicaram haver chegado do sul o

baritono italiano Oscar Lattanzi que pretende dar aqui dois concertos. E creio que não ha de parar ali; depois do sr. Lattanzi ha de vir outros e outros, para dar logar a que nossos nicks se tresmalhem, fugindo do apriso de nossa aljubeira.

S. Luiz, 26/6/1921.

Por occasião das homenagens prestadas a Antonio Lobo, esgotado o numero de oradores inscriptos, pediu a palavra o talentoso e eminente hygienista Dr. Filogonio Lisboa, e, ardoroso, eloquente, soberbo, improvisou uma transcendental peça oratoria.

Não nos furtamos o desejo de resumir a...

O joven Geero, começou dizendo que era da Loja Maconica "17 de Outubro"; que a Loja fora convidada para tomar parte nas homenagens que se prestavam a Antonio Lobo, mas que nenhum dos maçons compareceria; nem elle mesmo, por isso que ignorava se se tratava de Antonio Lobo; julgava ser um preito de veneração a algum general ou herde guerreiro, personalidades estas que detestava, pois que estivera no front da grande guerra, e ali, trabalhando com o risco da propria vida, a ver, toda hora, o que faziam os militares, aprendera a odiar-os.

Mas, tendo naquella dia o "Diario Oficial" certificado-se que de facto, commemorava-se era a morte do mestre, e estava ali para associar-se ao preito de homenagens, que lhe rendiam os moços.

Depois, dissertando sobre Antonio Lobo, disse "que o mestre foi um dos que protestou ardorosamente contra o analfabetismo; que foi um dos que venceu pelo proprio esforço; que foi um dos que mais trabalhava pelo progresso intelectual do Maranhão". (sic)

Pelo seu monumental discurso, o famoso escultor prova irrefutavelmente que percorreu toda a Europa, não lhe escapando nem a seductora Soles.

Embora tardiamente, parabens ao Dr. Filogonio e ao Maranhão.

REPORTER.

"O Sertão"

Dirigida pelos nossos talentosos confrades Souza Bispo e Isaac Ferreira, surgiu a luz da publicidade, a bella revista, a qual cujo nome nos serve de epigraphe.

Que tenha vida duradoura "O Sertão".

Uma Palestra

A convite da conceituada sociedade literaria "Legião dos Athenienses", assistimos a magnifica conferencia sobre a Dávida que realizou o fulgurante poeta chapadinhense Oliveira Roma.

Gratos pela hora de deleite que, hontem á noite, nos proporcionou a Legião, enviamos a Oliveira Roma os nossos sinceros emboras.

"Tavola do Bom Humor"

Recebemos o Memorial do Torneo Magno realizado pela Tavola do Bom Humor, sociedade que, como indica o nome, cultiva o humorismo.

Alem de outras interessantes notas, encontra-se nelle um castigo discurso de S. Exe. o Sr. Cavaleiro Maior da Tavola, discurso que bem attesta o talento e preparo de Chrisostomo de Souza—um dos que mais trabalham pelas nossas letras.

Efectivamente, pela esfuante "Fita," organ da "Tavola", Chrisostomo de Souza e Teixeira Leite, Filho têm mostrado o quanto são perseverantes em prol da ideia que lançaram á execução.

Agradecendo, não só a gentileza da offerta, como tambem as palavras de estímulo que, ao noticiar o nosso apparecimento, nos dirigiram, prometemos vital os.

Alta noite

Alta noite... A magnificencia extraordinaria de um luar argentino e enlevante, dormia um lindo mancoço que, pelo amor ali jazia, depois de haver meditado sobre algo do que lera no livro de sua predilecção—o amor. Sabito, embrevido sonha ver ante a esplendidez maravilhosa daquela scena da natureza, ao longe, na sua desalentadora incerteza, a apparição, da imagem de sua bem amada que se aproximava com o parir tão leve como o vôo de uma garça real. Ao avisthar-se do joven, tira do lençol do seio de jaspé, uma carta, e lá a entrega. Era em resposta á de uma que permanecia acalentada pelo calor febril daquelle seio alvo como as neves de Junho. Mathias, seu velho tio acompanhava-a e como percebesse o objectivo deste encontro, investiu contra o infeliz moço, para tomá-la. Este impallidece, suspira, e, num desatino de energia, a põe firme, enfrentou o pesado inimigo, com toda galhardia. O mancoço relanceou espantadamente o olhar em redor. Só cercava a solidão, arvores cerradas. As rammas altas dos pinheiros gemiam com um gemer dormiente e remoto.

A joven que nada percebera do que se passava entre os dois, cahiu, murmurando: "Não sei, meu Deus, como explicar o acto indigno e injustificavel do meu tio? Como demonstrar o sentimento do amor que sinto pelo meu bem amado na mudez eloquente d'alma?"

Depois de alguns minutos voltou a si, impulsada pelos violentos ataques do seu coração assustado, pôz-se a correr em demanda de socorro.

Mathias, furioso, partiu a procura de seu irmão no proposito de communicar-lhe o occorrido.

O mancoço, depois de muito hesitou, comprehendeu que devia seguir aquella deusa que tanto adorava, aquella flor de seu jardim, aquelle sonho de seus sonhos e imagem de seus olhos apaixonados.

Seguia-a. Muito lhe custou saber seu paradeiro. Depois de diversas informações, soube que havia entrado em casa de uma senhora religiosa.

Tinha esta um filho, um bonito rapaz. Este, vendo o cumulo de aflicções, e o modo pelo qual a menina se encarava, apaixonou-se por ella. Qual! Debalde! A menina, nem uma só vez, fitou os olhos que talvez tivessem a força dos da serpente.

O Atto daquela Rva, logo que soube verdadeiramente onde a podia encontrar, corre para a consolar. Chega, bate. A menina pensando que se tratava com seu pai e seu tio exasperado, pede a senhora que a salve!—Oxalá! que não seja quem pensas! disse a senhora.

Ao saber que era um moço dos olhos pretos, esbaltos, saltava como a corça da montanha, mais veloz que o vôo de uma pombinha branca, quando corta a atmosfera em procura de um novo pombal, e, vai empiorar-lhe de joelhos que a não desamparasse. Elle, intrepido e ao mesmo tempo corinthio ergue-a delicadamente e diz-lhe: "Tu de mim, toda minha! Ao acabar de pronunciar estas palavras, deixou escapar os labios na face linda e fresca da sua querida. Algumas horas depois, agradeceram honradas ao bom acolhimento que lhes dera a dona da casa, e dirigiram-se a residência do capellão de uma igreja para os consagrar.

Como o mancoço fosse 3.^a annista de medicina, combinaram nessa mesma hora, que elle terminasse os seus estudos, e que a moça fosse para um convento até que seu esposo voltasse á terra natal.

Passada uma hora, a senhora estava num convento de irmã de caridade e elle em preparativos para seguir a viagem e continuar os estudos.

Agora, caros leitores, calculem quantos e quizes os sofrimentos não passaram estes dois corações, durante estes 3 annos de separação? Depois destes 3 annos para quem ama, recebia ella a seguinte carta:

Saudades.

Acabo de triumphar no meio dos clinicos, só me resta cumprir esta obrigação que me opprime. Espera-me no proximo vapor.

Ades.

D'ahi a 10 dias vias-se a entrada do porto, uma grande navio a fumaça. O medico chegou, saltou e correu em direcção ao convento em que se achava a querida esposa. O contentamento foi tão grande na occasião em que se acharam juntos, que não ha palavra que possa expressar esse sentimento.

Estava o mancoço tão feliz junto á estrella bendicta e amada, quando acordou.

Seria mais feliz si isso fosse uma realidade.

Francisco C. Araujo.

EXPEDIENTE

O "Lábaro" sahirá quando lhe convier.

Não se aceitam assignaturas.

Não se contractam annuncios.

Numero avulso \$200
Redacção:—Rua "Candido Mendes" n. 45.



Analysando...

Quando no nosso numero passado, pelas columnas d'este jornalzinho, tratamos do busto de Antonio Lobo, pedindo que o comitê encarregado da erecção do bronze deste escriptor, nos esclarecesse, visto já estar no olvido publico este assumpto, publicando um balanceço para sabermos ao certo em quanto monta a quantia arrecadada para este fim, pensamos que viriam aquelles Srs., pela imprensa local, dizer algo a respeito.

Tal não aconteceu, porém. No silencio estavam, e ahí permanecem ainda.

Queriamos simplesmente que dessem, não á nós, e sim ao publico, que tão espontaneamente deu o seu concurso, uma satisfação do acto inqualificavel do escriptor Celso Antonio.

Não pensem os Srs. membros do comitê que estamos duvidando de sua honestidade. Não.

Longe de nós, tal ideia.

Apenas queremos, que estes Srs. exijam da Sra. Celso Antonio o cumprimento do contrato por elle assinado. E tão somente isto.

Aguardemos.

José Augusto Corrêa

Amos atrás, no dia 3 de Agosto, a casa deste nosso querido mestre enchia-se de alegria, de risos e de flores.

Junto á sua exma. esposa, D. Emilia Bayma Corrêa, o inextinguível professor via transcorrer a sua data natalicia, entre affectos e carinhos dos seus amigos e dedicados alumnos, sempre com o riso a aflorar na sua face de ancão.

Um dia, porém, a morte, tragicamente, arrebatou-o do nosso meio, separou-o da nossa companhia.

Os dotes, entretanto, que pululavam na sua alma benevolente, não permitiram e não permitirão jamais que o deixemos em pleno olvido.

Envergando, a todo o momento, o seu caracter firme e immaculado, os vestigios deixados, na sua passagem, pela vereda escabrosa da vida, são limpidos e fulgurantes.

Quem o conheceu, bem pode julgar o valor d'aquelle coração humano, escondido sob o abrigo dum peito, onde respirava o amor pelo estudo.

O primeiro campo da sua lide foi a vida publica; e nesta pollejou, muito tempo, desempe-

No paiz do sonho

Sorriso Indefinido

(Para o Guilherme Macieira)

...E ella morreu... Os labios enfiando
Um estranho sorriso, me dizia:
—Não permittas morrer tua Maria...
Quero sempre viver, viver amando!...

E a sorrir, a sorrir, e delirando,
Numa lenta e tristissima agonia,
A illusão derradeira fenecia,
A mais bella illusão de todo o bando...

...E ella morreu... Emtanto, prazerosa
Ostenta minha face, sem resabios
De amargura, a alegria vaporosa!

Mas, nossa alma nem sempre se revela:
O sorriso que mora nos meus labios
E' o sorriso final dos labios della!...

IV/VIII/MCMXXI

Matta Roma

TALVEZ...

Esqueceste-me. Eu sei. No altar do teu carinho
Diz a missa do amor um outro affecto, agora.
Não me queixo. Nasci para viver sosinho
E sosinho seguir por este mundo em fóra

As minhas illusões, os sonhos meus de outr'ora
Morreram da existencia ao longo do caminho.
Contemplo, indif. rente, o alvorecer da aurora
E, indifferente, escuto a voz do passarinho.

Antes nunca eu tivesse olhado o teu semblante...
Meu peito despedaça uma ancia indefinida.
Desse encontro fatal desde o primeiro instante.

E ao misero, talvez inda afagasse a sorte,
Se a vida desse amor não fosse a minha vida,
Se a morte desse amor não fosse a minha morte!

Mendes Martins.

nhando, com magnificencia,
todos os cargos espirotoz
que lhe confiaram

Depois, então, fatigado sob o
peso dos annos, entregou-se
ao magisterio e ali, com des-
velo, sabia pacientemente a-
commodar as suas lucidas ex-
plicasões nos espiritos dos
seus discipulos.

José Augusto Corrêa foi a
primeira fonte onde me desal-
tere; foi o primeiro guia no
meu caminho do preparato-
riano.

Incalculavel foi o proveito
que com elle obtive nos minu-
tos, horas, e, ás vezes, dias
que passei com elle, deleitando-
me com as suas lucidas lições,
onde patenteava o crescido ex-
poente de sua sabedoria.

O mestre desapareceu, dei-
xando, nos corações dos exu-
dantes, o germen da saudade;
foi rosa decepada, cujo aroma
inda perdura, e perdurará sem-
pre bem distincto.

José Augusto dos Reis

Secção feminina

Meditações...

Não há luz, mas a noite é tão cla-
ra por uma miriades de estrelas, e
tão fresca que nos convida a me-
ditar!

De repente, veio-me ao pensa-
mento a tua sempre passivel presen-
ça... pensei. Pensei quando desper-

teste em meu fragil e sensível cora-
ção... o amor. Esse amor que dizias
ser tão sincero! E eu que julgava
serem tambem sinceras as tuas pa-
lavras, que pareciam saídas do meu
d'alma? resolvi, corresponder-lhes,
porém, com amor simples, desqui-
dado e puro.

Passados uns segundos, eis que se
torna a noite.

Grossas nuvens são formadas e
cahem em chuva copiosa.

Assim como a noite se transfor-
ma, assim, eis que senão quando,
todas as tuas phrases que tão parás
dizias serem, mudaram-se... consa-
grante o teu affecto (segundo affir-
mas) a uma outra que, talvez, pensas
ser mais digna do teu amor, porém,
que não ultrapassa em dotes que a
natureza soube a mim dispensar.

Não julgues que, com isso, magoas
o meu sensível coração. Não! Elle
saberá resignar-se como se resigna
de qualquer magoa que soffre.

Pego ao Criador que te conceda
muitas e muitas felicidades; e en-
contrarás sempre uma amiguinha
humilde e sincera em

Sensitiva.

A ultima esperança...

Nada haverá de mais sombrio
neste mundo do que quando se per-
de a ultima esperança... A ultima
esperança não é como o sopro do in-
verno para as andorinhas, porque,
se ellas levam saudades do ninho
que deixam nos telhados quando
partem para outras regiões, regre-
sam spós, na risonha e bella prima-
vera, revendo as flores com seus
odores, o sol, com seus vivificantes
raios e as arvores com suas verduras.
Só morre para sempre, a esperan-

ça!... Nem os golpes da impetuosa
tempestade que derriba o tépido ri-
nho suspenso na folhagem, se pode
comparar com a tremenda catastro-
phe da ultima esperança!

Porque, assim como a terna avesin-
ha solta em comovido trinado ao
ver o rapido destreço, assimtambem,
após, gorgela satisfeita e feliz ao
reconstruill-o de novo...

Ao passo que, a ultima esperança
nos segue até a campa fria!

Almanice.

DIVERSÕES...

Se o Maranhão é uma terra atra-
zada em outros pontos de vista, em
diversões é uma lastima. O que te-
mos aqui para nos divertir?—Um
cinema.

Ora o que é um cinema para uma
população de 60.000 habitantes?

E, por ser um só, é que seus pro-
prietarios exploram, á vontade, o por-
bre publico; quer levando films or-
dinarios dias de Domingo—pois têm
certeza da casa cheia,—quer fazen-
do focar films sem nenhum valor ar-
tístico, por preços extraordinarios.
Mas o que se ha de fazer se elles
têm o monopollio.

O theatro que era a outra casa de
diversões e que ha muito tempo es-
tava fechado por seu estado de rui-
na, está passando por uma reforma
e não é já que temos espectaculos
nelle. Temos, é verdade, um outro
cinema, mas é de segunda classe e
não vão familias lá. Resta-nos o foot-
ball, que, como em toda a parte, está
em sua fazo de decadencia. Aquillo
era diverão e não era, porque qua-
si sempre terminava em uma trage-
dia de bofetadas entre os jogadores



Biblioteca Publica Municipal de São Luiz do Maranhão

A Abelha Azul

(Conto Chinês)

Uma noite, no pavilhão de um mosteiro, para onde se havia retirado, o jovem estudante Bambu de Ouro estava inteiramente entregue ao seu estudo, como de costume, quando fôra da janella, ouviu uma voz feminina exclamar:

—Oh! como o senhor Bambu de Ouro é estudioso!...

Surprehendido, levantou-se vivamente e debruçou-se na janella para olhar.

E viu, em compridas vestes azues, uma menina incomparavelmente tão formosa, que logo comprehendeu não se tratar de um ente real. Entanto, perguntou-lhe polidamente quem era.

—Olhe-me bem—disse ella num tom ligeiramente graciejador—tenho o ar de um fauno? Mas, para que perguntas inuteis?... Receioas abrir-me a vossa porta?

—Oh! não! quem quer que sejas, entra—exclamou elle, adiantando-se em atastar os trincos de laca vermelha.

E colhendo as suas largas vestes, a desconhecida penetrou quasi, correndo, no pavilhão.

—Pois—disse—fôrta aqui. Bambu de Ouro correu os olhos, e, desconfiado, olhou-a com a janella aberta, um pouco a luz da lanterna. Depois, voltou-se para a menina que, de pé no meio do quarto, olhava-o sorrindo...

Tão bonita lhe pareceu e tão perturbado ficou, contemplando-a, que o seu coração entrou a pulsar cada vez mais apressado e ficou impossibilitado de falar.

Ella sorria sempre, olhando-o.

—Agradeço-vos a hospitalidade—disse, n'uma voz muito doce—mas, descanças, sou extremamente delgada e pouco logar occuparei.

Elle julgava sonhar, vendo-a desatar a sua comprida túnica de seda, que cahiu sem ruido, e vendo-a encolher-se em uma cadeira de vime, onde adormeceu.

Tornaram-se amigos.

Ella ficou amando muito aquella doce menina que vinha, fielmente, todas as noites e fugia precipitadamente antes do amanhecer.

Uma noite, em que ambos juntos conversavam, trincando confeitos, notou elle, pela sua conversa, que ella conhecia muito bem musica.

—A vossa voz é tão fina e tão encantadora—disse elle—que estou morrendo do desejo por ouvi-la. Parece-me, entretanto, que se cantades uma canção, absorvereis a minha alma...

—Receio, em verdade, absorver a vossa alma e não ousar cantar-vos a minha canção.

Bambu de Ouro tanto insistiu que ella lhe disse, por fim:

—Vossa creada não quer obedecer-vos. Seria, no entanto, muito perigoso para mim, ser ouvida por qualquer outra pessoa, além de vós. Desde, porém, que insistis, vou experimentar, apesar de inapta, mas em voz baixa. Appoiou-se nos balaustrados do leito, boteu o compasso com o pé, ligeiramente; e cantou:

«Ah! como me entristece o corvo que grasma na arvore visinha...»

«Elle quer apressar a minha partida e me adverte que a hora está passando...»

«Não é que eu tema molhar o bordado dos meus sapatos no orvalho da manhã.»

«Mas é necessário partir só e só, deixar o meu companheiro...»

A voz era fina, tenue como um fio de seda, difficilmente perceptível; entanto, escutando-a de perto attentosamente, tornava-se verdadeiramente atordoadora e delicada, agradável para o ouvido, enternecedora para o coração.

—Quando a canção se acabou, ella sorria a porta, sem ruido, e olhou para fora inquieta. Depois, de um salto, correndo ao lado do pavilhão e voltou.

—Pois—disse—assim tão inquieto—perguntou Bambu de Ouro, notando ella a expressão, torcendo um sorriso:

—Os espiritos vivem por fraude e temem os vivos.—diz o proverbio, e eu não sou um espirito? Elle tentou acalmá-la.

Ella, porém, continuou agitada, inquieta.

—Terminou, agora, a nossa felicidade, suspirou.

—Porque?...!

—Não sentis como o meu coração bate apressado, muito apressado?... effeito do presentimento...

—A febre, ás vezes, perturba-nos sem razão. Não digas que a nossa amizade acabou...

Ella acalmou-se um pouco e, como nas outras noites o fazia, não se deu pressa em fugir, quando o relógio marcou a hora da separação.

Abriu lentamente a porta e, com angustia, voltou:

—O meu animo está ainda um pouco fraco—disse.

Queira acompanhar-me um pouco. Deixar-me-a para além do muro do templo.

Elle fel-a apoiar-se, ao seu braço e acompanhou-a até que ella ordenou que a abandonasse. Parou e seguiu-a com a vista; mas de repente, viu-a desaparecer...

Elle decidiu-se a voltar quando

julgou ouvir gritar fracamente: —Socorro!

Atirou-se na direcção que havia tomado a sua amiga e olhou para todos os lados.

Nada viu. O gemido, no entanto, persistia e pareceu-lhe vir do tecto da galeria que renteava.

Levantando a cabeça, distinguia, á claridade do luar, uma aranha das dimensões de uma bala, a qual segurava alguma coisa entre as suas horribes garras, enquanto os gemidos se tornavam cada vez mais dolorosos. Bambu de Ouro rasgou a teia e libertou a presa, enquanto o monstro fugia.

O rapaz sustinha nas mãos uma linda abelha azul, quasi morta. Tornou apressadamente para casa e colocou-a delicadamente sobre a mesa do seu quarto. Dentro de pouco tempo esta pareceu reanimar-se, sacudiu as azas azues que recobriram o brilho polido, procurou andar, e tomou lentamente a direcção do tinteiro aberto na escrivaninha. Pareceu querer lançar-se nelle, depois, descendo, arrastou-se sobre o papel desenhado e traçou esta palavra: «Agradeça!»

Um estremecimento azul fez

com o rapaz, e, quando se voltou para a janella, olhou, lá fora, para uma noite escura.

—Fôrta aqui—disse.

Três dias depois, a filha de Bambu de Ouro, a filha de Bambu de Ouro, a filha de Bambu de Ouro...

Um acidente

O nosso caro amigo Lulú, antes de se casar, era um rapaz muito levado da breca, e tinha o dom de inquietar as meninas, endoidecer as viúvas e mexer com as casadas da sua vizinhança. Tornava-se o terror dos papás zelosos que não admitti- am conversas suspeitas nem cochichos com a sua filha, e que sohravam sempre uma bengala grossa, cuja aparição fazia os namorados darem vazão a certas coisas molhativas, fora de hora.

Mas o Lulú bem pouco se incomodava com a bengala dos papás, e vivia atirando uma linha da filha do banqueiro X, de quem o nosso herói se fizera amigo alim de conquistar o terreno sem muitas perdas. E tanto animou o banqueiro que ia todas as tardes jogar com elle uma bica a grãos de milho, e nessa occasião encontrava brecha de dar uns beliscos na Joanna a filha do amphytrão, beliscos que lhe eram retribuidos calorosamente, enquanto que, com a vista, ella fingia interessar-se pelas cartas do pai.

Vão lá dar-se nessas meninotaz sônsas, de olhos baixos, muito innocentes, fingindo-se coradas por qualquer palavrinha de sentido duplo; mas que na intimidade têm mais calorificação que qualquer dessas rapariguitas assanhadas por quem o mando não dá nem um tostão furado!

São as perigosas, leitor, e perigo-

ssimas são para a tua integridade de solteiro commodista.

Mas voltemos á vacca fria.

O papá banqueiro não dava pela patifaria, mas como queria que uma sentinella attenta vigiasse as evoluções da pequena, chamou a futura sogra do Lulú, uma velhota desdentada como um pato, com um coração capaz de desmamar a creança mais mamadeira do mundo.

A velhota, vindo á sala, não permitiu mais liberdades, e queria a filha sentadinha ao seu lado, muito quiétinha.

—Que diabo! aquillo era o diabo! rugia o Lulú.

—Mas que é isso, sea Luiz? Então eu ponho um az de pás e o voed dá-me a sete? Que mosca lhe mordeu? dizia o velho.

E relanceava os olhos á mulher. A velha dardejava logo umas vistas desconfiadas á filha que, de olhos baixos, limpava as unhas. (já sabe o leitor que os olhos baixos indicavam, mais que nenhum outro indício, que havia patifaria no caso).

Um dia, um bello dia, em uma tarde linda, tomaram os velhos papás e a filha o bond do Anil.

(Leitor, extranhas que um banqueiro como o sr. X não alugue um automovel para ir ao Anil, não é assim? Pois fica sabendo que a gente rica é sovina como cinco Harpões juntos, e o nosso banqueiro era capaz de por palha na frente de um boi, e collocar-lhe oculos verdes, para o animal comer palha por capim. Fica sabendo disto!) Mas, como dizia, a familia dar um passeio ao Anil.

—E que me tinha a ver com a coisa?—disse a filha, e foi a casa da mãe. A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe. A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe. A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.

—A mãe, porém, não se pôde conter e foi a casa da mãe.



Biblioteca Pública de São Paulo

Divagações

Raro era o dia em que não o encontrava a esmolar pelas estradas, curvado pelos annos, espolado a um bordão, a gotejar suor, mostrando no rosto enegrido a brancura da barba espessa que lhe descaía até ao peito, a semelhança daquelles prophetas do judaismo que atravessavam os seculos, apregoando nos desertos da Palestina, os seus vaticínios, num tom plangente de credulidade paga.

Era esta a impressão que se me apoderava do espirito sempre que uma natural coincidência me collocava à frente daquelle figura patriarcal, digna de commiserção e de respeito.

E não sei porque sentia pelo velho Lucio um certo sentimento de afecção, concorrendo bastante para isso as suas maneiras humildes com que se aproximava dos tranzeantes, aos quaes estendia o seu largo chapéu de carnaúba, onde ia recolhendo o producto de sua triste peregrinação.

No seu aspecto melancólico e taciturno adivinhava-se todo o segredo de uma existência infeliz e trabalhosa.

Lia-se-lhe nas linhas inigmáticas do rosto, impressas pela mão rude do tempo, um longo poema de amarguras, cheio de episodios maguados, onde a dor se crystallizava na lagrima que solitaria boiava ao canto dos seus dois olhos azues.

A lagrima, que é o profetia da existência, ali se estampava na pujança formidável da sua materialidade, a inspirar piedade por tanto sofrimento, agasalhado no fundo dolorido daquelle pobre alma de peccador.

Procurei sonhar-lhe o espirito, perquirindo-lhe dos motivos de tão negro destino.

Era uma tarde amena de verão.

O sol succumbia lentamente na curva vulcanica do horizonte, doirando com a sua luz fálva a cúpula verde-escura dos velhos arvoredos que circundavam a crua habitação do velho Lucio.

Ao longe descorriam-se um trecho do rio, em cuja superficie espelhante um pequeno hotel de velhas alvarias singrava serenamente ao sabor da brisa vespertina.

Lucio, assentado num banco tosco de pinho junto à palhoça immunda, observava, absorto e commovido, essa transfiguração admirável da mãe natureza, procurando sondar-lhe os mysterios que ante os seus olhos maravilhosos se perfilavam, na eloquencia grandiosa de sua suprema manifestação. E, como os olhos fixos no céu sereno e azul, mandava o pensamento para aquelles trechos longínquos de sua vida passada, a debruçar em espirito, no panteão sombrio de seus negros dias, aquelles episodios alacres que foram para elle todo o esplendor do seu tempo de moço, unica distracção que lhe restava, agora, na phrase crepuscular de sua existência.

Poi nesta attitudão contemplativa e respeitosa que eu o surpreendi à porta da palhoça de onde um cheiro activo de miséria se desprendia irritando-me o olfacto.

O pobre velho começou a contar na sua voz rouca e lenta toda a historia de sua vida.

Trinta annos, disse elle, vivi no silencio confrangido de uma cela

de presidiario, onde sorvi resignadamente o calice de uma mistura amarga preparada pela perversidade congenita dos homens.

Trinta annos, continuou elle, vivi numa cadeia, soffendo os horrores do desterro, embuçado nas trevas de um destino atroz.

Cumpri a pena innocentemente, pelo facto de haver eu encontrado morto em uma estrada um homem, que ainda conservava no peito o punhal vingador que o victimara.

Approximei-me, Impulsado por um sentimento de piedade, procurei retirar o punhal embellido ainda de sangue, na esperança de socorrê-lo, quando fui surpreendido pela justiça.

Naquelle tempo teria eu quarenta annos e occupava a profissão de marítimo.

Prenderam-me, condemnaram-me a galés perpetuas, apesar da minha negação formal e decidida.

O elemento de prova de que poderia dispor para minha defesa, seria o proprio paciente, se dispozesse ainda na occasião em que lá me achava de algum sopro de vida. Infelizmente já era tarde.

Fui para o carcere e de lá sahi aos setenta annos de idade.

Que me restava? O tunulo.

Depois de algum tempo, foi descoberto o verdadeiro autor do crime. Já eu havia soffrido.

Sem esperanças sem forças para trabalhar, resolvi mendigar pelas estradas, arrastando a minha velhice desamparada pelas pedras aguçadas dos caminhos, até o dia em que Deus de mim se lembre, levando-me para o conforto de sua divina misericórdia.

Não tenho ninguém por mim.

A minha velha companheira, cujo sorriso doou a minha existência, essa, não mais existe.

Tenho simplesmente a companhia deste cão que aí vê, cujos serviços que me presta são os de um verdadeiro amigo — disse —.

A sua voz parecia partir do fundo de um abismo; de quando em vez os seus olhos marejados de lagrimas subiam aos céus, num gesto de recriminação e de vingança.

Uma subita transformação moral se operou em todo o meu ser ao ouvir as ultimas palavras do velho Lucio, que se derramavam aos meus ouvidos como um liquido corrosivo. Tive impetos leoninos de exercer uma acção vingadora contra aquelles que o fizeram soffrer, para os quaes a sua alma candida e compassiva ainda tinha uns restos de perdão.

E' este o meu destino! disse. Despedi-me do velhinho, atirando-lhe nas mãos tremulas uma moeda; e segui, fitando o céu sereno, onde a luz surgia altaneira, prateando com o esplendor da sua luz suave e macia os cumes das montanhas.

De longe, ouvia o sons dos sinos que anuciavam as Avo Marias.

Um dia, quando os labores quotidianos me proporcionaram regressar à casa mais cedo, uma curiosidade inevitável impellio-me a aproximar-me de algumas pessoas que á certa distancia se agrupavam.

Lucio, em decubito dorsal jazia inerte sobre a herva rasteira que marginava a estrada.

Ali, sob o baldanquim florido de um arvoredó, o velho Lucio estor-

cia-se nas vagas da agonia, com os olhos desmesuradamente abertos, onde se lia o periodo de uma historia muda, que tristemente se extinguia, no lacrimario daquelles dois olhos azues, que lentamente se fechavam, como duas urnas, encerrando todo o inventario de seu passado infeliz.

Nunca mais se me apagou do espirito essa visão horrivel.

Todas as vezes, que me aproximo daquelle lugar, onde se desenrolou esta scena, a figura do velho Lucio parece emergir da sombra do passado, a gritar pela estrada solitaria e sombria, com uma voz de além-túmulo, justiça! justiça! senhor meus Deus!

Robinson.

O Veado e o Jaboti

A tarde já ia em meio. O sol perdia a pouca e posco sua influencia calorifera sobre a terra. E cêdo ainda, o Jaboti se dirigia á casa do coronel Urso. Como pretendente á sua filha, era-lhe preciso chegar por primeiro, pois aquelle que primeiro chegasse a receberia em casamento.

Subitamente, foi-se tomando de auto.

O Veado, que tambem era pretendente — ambos se conheciam por taes — passara-o, galopando.

Oh! meu Deus! Pru!... pru!... Felizmente, atendeu-lhe o Veado.

— Oh! nem t'o vira! Onde vaes?

— Vou até ao sereno do jantar em casa do Urso.

— Bem; eu tenho um negocio importante, e estou tambem com vontade de ir lá.

Até logo...

— Olha... vem cá. Irei contigo nesse negocio.

— Não!... e segredo... Não te posso levar!

— Vamos fazer então outro negocio. Como a natureza te deu este dote de muito correr, montarei em ti. Deixar-me-as no sereno, e ao depois te... esperarei...

O Veado emudeceu, por algum tempo.

Finalmente, respondeu favoravel ao pedido do seu antagonista. Este se ficou preso por uma alegria interna. Não sabia talvez as intenções do astuto Veado. Montou, Coitado! Mais ao longe, cahiu, não podendo aguentar o tremendo galope. E se fosse só a queda!

Coitado! rachou-se todo.

Oh! miseravel!, cretino!, ululou! Entornando a cabeça, os olhos inundados, ia implorar o pobre divino. Não lh'o foi preciso. Nossa Senhora bem viu a sua angustia, e descendo numa nuvem juntou os cacos espalhados, unteiros de goma-divina, e os uniu.

Em terminando, disse-lhe: — Levanto-te agora nesta nuvem, para da pelo poderoso vento, á casa do Urso.

Ficaste aleijado, feio, grudado, mas isto não importará de teres uma melhor sorte que o Veado, bello e esperto...

Veloz, rapido qual um raio, cortando a amplidão intinda, chegou o sege de Nossa Senhora ao lugar destinado.

Os convivas todos, estupefactos ante a aparição divina, sabedores do occorrido, comprometeram-se ao de vido castigo.

Não tardou. Oh! qual o motivo da demora? perguntou o Urso ao Veado, quando este lhe entrou porta a dentro.

Demora? Foi talvez um... negocio...

Um negocio não? Onde ficou o Jaboti?

— Fi... cou... fi... cou em casa. Disse-me, que cá não... vinha.

— Ah! meu tratante!, gritaram todos, sahindo dos cantos, armados de pau.

E surraram-no bastante. Fugiu escabreado para sempre, antes de lá morrer...

Entretanto, o infeliz e... feliz Jaboti, com as costas quadradas, feio, horrivel, cazou-se com a filha do Urso, achou eu, que mais por o tomarem como divino...

Moralidade

Se a todos este castigo
Tal e qual acontecesse
Não teriamos mau amigo
Que na feira nos vendesse.

14-8-1921.

De Castro Martins.

EURICO GARUSO

Morreu o rouxinol italiano!
Está de lucto o mundo artistico!

Garuso era indubitavelmente o maior dentre os maiores tenores destes ultimos descendios. A sua voz, clara, harmoniosa, segura, fascinava e dominava todos os corações.

Sua garganta de ouro sabia interpretar com sentimentalismo e perfeição os mais arriscados trechos classicos.

Seduzia e arrebatava desde os homens mais cultos até os mais humildes.

Esquecido e sem recursos na sua infancia foi, pouco e a pouco, salientando-se pela maviosidade de sua voz.

Foi feliz. O Destino abriu-lhe as portas da Gloria.

O seu nome, coroado de louros, impoz-se á admiração do universo.

No apogeu da fama, quando esta já o tinha circundado, eis que se não quando sua saúde foi alterada por uma cruel enfermidade.

Não lhes regateou sacrificios a Sciencia.

Cada vez mais aniquilado, procurou lugares onde pudesse encontrar melhoras.

Da Italia veio á New-York e ali se submeteu a diversas intervenções cirurgicas.

Apparentemente melhor, volta o seu torrão natal, e a ingrata Parca o arrebatou do convívio dos homens, na plenitude da Vida.

Morreu. O seu nome, porem, ficará gravado para Eternidade no coração das gerações futuras.

Analysando...

Quando no nosso numero passado, pelas columnas d'este jornalinho, tratamos do busto de Antonio Lolo, pedindo que o comitê encarregado da erecção do bronze deste escriptor, nos esclarecesse, visto já estar no livro publico este assumpto, publicando um balancete para sabermos ao certo em quanto monta a quantia arrecadada tora este fim, pensamos que viriam aquelles Srs., pela imprensa local, dizer algo a respeito.

Tal não aconteceu, porém. No silencio estavam, e ali permanecem ainda.

Queriamos simplesmente que dessem, não á nós, e sim ao publico, que tão espontaneamente deu o seu concurso, uma satisfação do acto inquestionavel do escriptor Celso Antonio.

Não pensam os Srs. membros do comitê que estamos duvidando de sua honestidade. Não.

Longe de nós, tal ideia.

Apenas queremos, que estes Srs. exijam do Sr. Celso Antonio o cumprimento do contrato por elle assignado. E não somente isto. Aguardemos.

José Augusto Corrêa

Annos atraz, no dia 3 de Agosto, a casa deste nosso querido mestre enchia-se de alegria, de risos e de flores.

Junto á sua exma. esposa, D. Emilia Bayma Corrêa, o inesquecivel professor via transcorrer a sua data natalicia, entre affectos e carinhos dos seus amigos e dedicados alumnos, sempre com o riso a aflorar na sua face de anão.

Um dia, porém, a morte, traçoamente, arrebatou-o do nosso meio, separou-o da nossa companhia.

Os dotes, entretanto, que pululavam na sua alma benevolente, não permitiram e não permitirão jamais que o deixemos em pleno olvido.

Envergando, a todo o momento, o seu caracter firme e immaculado, os vestigios deixados, na sua passagem, pela vereda escabrosa da vida, são limpidos e fulgurantes.

Quem o conheceu, bem pode julgar o valor d'aquelle coração humano, escondido sob o abrigo dum peito, onde respirava o amor pelo estudo.

O primeiro campo da sua vida foi a vida publica; e nesta pelejou, muito tempo, desempo-

No pai; do sonho

Sorriso Indefinido

(Pelo o Galactico Macieira)

...E ella morreu... Os labios enflorando
Um estranho sorriso, me dizia:
— Não permittas morrer tua Maria...
Quero sempre viver, viver amando!...

E a sorrir, a sorrir, e delirando,
Numa lenta e tristissima agonia,
A illusão derradeira fenece,
A mais bella illusão de todo o bando...

...E ella morreu... Estanto, prazerosa
Ostenta minha face, sem resabios
De amargura, a alegria vaporosa!

Mas, nossa alma nem sempre se revela:
O sorriso que mora nos meus labios
E' o sorriso final dos labios della!...

IV/VIII/MCMXXI

Matta Roma

TALVEZ...

Esqueceste-me. Eu sei. No altar do teu carinho
Diz a missa do amor um outro affecto, agora.
Não me queixo. Nasci para viver sosinho
E sosinho seguir por este mundo em fóra

As minhas illusões, os sonhos meus de outr'ora
Morreram da existencia ao longo do caminho,
Contemplo, indifferente, o alvorecer da aurora
E, indifferente, escuto a voz do passarinho.

Antes nunca eu tivesse olhado o teu semblante...
Meu peito despedaça uma ancia indefinida,
Desse encontro fatal desde o primeiro instante.

E ao misero, talvez inda afagasse a sorte,
Se a vida desse amor não fosse a minha vida,
Sem morte desse amor não fosse a minha morte!

Mendes Martins.

nhando, com magnificencia,
todos os cargos espinhosos
que lhe confiaram

Depois, então, fatigado sob o
peso dos annos, entregou-se
ao magisterio e ali, com des-
velo, sabia, pacientemente a-
commodar as suas lucidas ex-
plicações nos espiritos dos
seus discipulos.

José Augusto Corrêa foi a
primeira fonte onde me desal-
tere; foi o primeiro guia no
meu caminho de preparatò-
rio.

Incalculavel foi o proveito
que com elle obtive nos minu-
tos, horas, e, ás vezes, dias
que passei com elle, deleitando-
me com as suas lucidas lições,
onde patenteava o crescido ex-
poente de sua sabedoria.

O mestre desapareceu, dei-
xando, nos corações dos estu-
dantes, o germen da saudade;
foi rosa decepada, cujo aroma
inda perdura, e perdurará sem-
pre bem distincto.

José Augusto dos Reis

Secção feminina

Meditações...

Não há luar, mas a noite é tão cla-
ra por uma miríades de estrelas, e
tão fresca que nos convida a me-
ditar!

De repente, veio-me ao pensa-
mento a tua sempre passivel pesada
e... pensei. Pensei quando des-
-

taste em meu fragil e sensível cora-
ção... o amor. Esse amor que dizias
ser tão vincero! E eu que julgava
serem também sinceras as tuas pa-
lavras, que pareciam saídas do mo-
do d'alma, resolvi, correspondê-lhes,
porém, com amor simples, desqui-
dado e puro.

Passados uns segundos, eis que se
torna a noite.

Grossas nuvens são formadas e
cahem em chuva copiosa.

Assim como a noite se transfor-
ma, assim, eis que, sendo quando,
todas as tuas phrases que tão puras
dizias serem, mudaram-se... consa-
graste o teu affecto (segundo afir-
mas) a outra outra que, talvez, pensas
ser mais digna do teu amor, porém,
que não ultrapassa em dotes que a
natureza soube a mim dispensar.

Não julgues que, com isso, magôa
o meu sensível coração. Não! Elle
saberá resignar-se como se resigna
de qualquer magoa que soffre.

Peco ao Creador que te conceda
muitas e muitas felicidades, e en-
contrarás sempre uma amiguinha
humilde e sincera em

Sensitiva.

A ultima esperança...

Nada haverá de mais sombrio
neste mundo do que quando se per-
de a ultima esperança... A ultima
esperança não é como o sopro do in-
verno para as andorinhas, porque,
se ellas levam saudades do nido
que deixam nos telhados quando
partem para outras regiões, regres-
sam após, na risonha e bella prima-
vera, revendo as flores com seus
odores, o sol, com seus vivificantes
raios e as arvores com suas verduras.

Só morre para sempre, a esperan-

ça!... Nena os golpes da impetuosa
tempestade que derriba o tópeo ri-
choso suspenso na tollagem, se pode
comparar com a tremenda catastro-
phe da ultima esperança!

Porque, assim como a terna aves-
inha solta em comovente trinado ao
ver o rapido destroço, assim também,
após, gorgoeja satisfeita e feliz ao
reconstruí-lo de novo...

Ao passo que, a ultima esperança
nos segue até á campã fria!

Almanice.

DIVERSÕES...

Se o Maranhão é uma terra atra-
zada em outros pontos de vista, em
diversões é uma lastima. O que
temos aqui para nos divertir? — Um
cinema.

Ora o que é um cinema para uma
população de 60.000 habitantes?

E por ser um só, é que seus pro-
prietarios exploram á vontade, o po-
bre publico; quer levando films or-
dinarios de domingo — pois têm
certeza da casa cheia, — quer fa-
zendo tocar films sem nenhum valor
artístico, por preços extraordinarios.

Mas o que se ha de fazer se elles
têm o monopólio.

O theatro que era a outra casa de
diversões e que ha muito tempo es-
tava fechado por seu estado de rui-
na, está passando por uma reforma
e não é já que temos espectaculos
nelles. Temos, á verdade, um outro
cinema, mas é de segunda classe o
não vão familias lá. Resta-nos o foot-
ball, que, como em toda a parte, está
em sua fase de decadencia. Aquillo
era divertido e não era, porque qua-
si sempre terminava em uma trage-
dia de bofetadas entre os jogadores

e assistentes, tendo como epílogo as discussões pelos jornais. Ora o football estando em decadência, não vão famílias aos jogos, e não consiste em uma diversão.

Os clubs de dança, creio, é o que nos salva, e o que nos diverte um pouco; pois o Maranhão é terra onde muito se dança.

Companhias dramaticas ou de operetas (porque lyrica não é fructa pra nós) vemol-as como os astrônomos os cometas, de era em era. Em outros pontos consiste em um genero de diversões, os passeios de automovel, que se fazem por preço modico, e em bom calçamesto. Aqui? Deus nos acuda! o preço é uma exorbitância, e ainda por cima de se pagar caro, fica-se com os intestinos em revolução, por tantos choques tomados. Ha tempos, um grupo de rapazes bem intencionados, organisou um *footing* na praça Gonçalves Dias.

A principio ia bem, mas não tardou em morrer. Resuscitou depois em uma nova fase. Como as coisas desta terra, porém, foi morrendo aos poucos.

A charanga da policia que toca na retreta, ultimamente já se contenta em mandar pôr nos jornais o programma, e lá não vai. Assim, termina morrendo por completo.

Não percam as esperanças; pode ser que para o segundo centenario da independencia nós já tenhamos bons cinemas, theatros, quicô Municipal, e talvez a esperada tracção electrica. Para este, é impossivel, já estamos muito perto, e não ha tempo... Nós não somos como aquelle povinho lá da terra do Tio Sam, que constrói casas em dias...

Pobre terra. Esperemos que Deus se compadeça de nós.

K7.

Nota:—Não errei, quando na outra minha chroniqueta, disse aos leitores que a epidemia de concertos ainda continuava. Prometi, depois do ar. Latoni, outros, e ali estiveram a sra. Clara de Almeida e o ar. Motta Marques que deram dois para a serie a seguir... Temos paciência. Ainda vem gente em caminho.

Eis o discurso, proferido pelo nosso companheiro Francisco Araujo, a 14 de Julho, no salão nobre do Instituto «Gomes de Souza».

A proposito de um dos methodos que empregou nos seus ensaios, disse Kepler: «Se achais modesto e fastidioso compadecei-vos de mim».

Não com aquella mesma autoridade do mestre sabio, não com aquella mesma elevação de espirito, vo-las repito, na certeza de que me sereis indulgentes; dispensando-me o criterio de me julgardes pelo saber, antes pelo estudo, ou então, somente pela boa vontade de quem como eu toma sobre os hombros encargo como este descorde com as minhas forças.

O que eu vos não poderia dizer no tbeante á grande da da

que neste dia se celebra em toda a face do orbe, já, de maneira satisfatoria o fez, com elevação de pensamento, irrefutaveis dados historicos, em phrasiar elegante, o distincto bellectrista Oliveira Roma, satisfazendo assim, o convite que lhe fizera o nosso dignissimo director. Neste caso, então, sobrevira á vossa mente a ideia, sem duvida bem concebida pela qual me julgareis meio intruso em occupar-me do assumpto, cuja grandeza já nos foi estudada brillantemente.

Entretanto, releve-se-me o direito de vos retrucar afirmando, sem receio de contestação, ser unica e exclusivamente levado pelo ardor patriótico, — este sentimento extraordinario, irresistivel, empolgante, avassalador, huc ousei, dominado de espirito, vencer obstaculos e aqui tambem cantar convosco hymnos de louvores, e associar-me ao entusiasmo dos nossos corações, commemorando o desfrazar do arrebol deste dia do mundo e de Deus.

Exulta-me ainda o dever de como um dos seus admiradores, dizer em voz alta, já que não posso dirigir-me, em particular, a cada um de vós, alguma cousa de personalidade singular de Oliveira Roma, poeta lidimo do nosso sertão, a sua lyra, mais que outras, sabe bem cantar o mysterio da natureza, da vida, das grandezas, dessas patraças, onde tudo extazia a alma pelo retiro, onde tudo embriaga o coração pelas emanações suaves de perfumes virgens, emfim; onde tudo se orchestra numa verdadeira harmonia, de vibrações, de amor, de sonho e de belleza.

Elle, que o acaba de confirmar, autopsiando como que a alma do assumpto, em bem tracçados e luminosos periodos, por onde deixa escapar, como fluidos ternissimos, segredos de luz de uma poesia, cuja critica não me arrogaria fazela porque, para falar de um poeta só outro poeta! e ai! de mim! pobre deserdado desses privilegios de que nos dota a natureza para cantá-la.

Não vim aqui para dizer quem elle é, pois, de todos nós, é sobrejamente conhecido: quer, como poeta exímio, quer como jornalista emerito e orador, de que ora vos deu testemunho.

A elle, pois, neste ensejo, tão somente, fazer-lhe conhecer mais de perto, e perante uma assistencia selecta e letrada, a sympathia e conceito que os seus proprios meritos me inspiraram e induziram a que eu os tornasse, apenas, em relevo, como preito de reconhecimento ao valor.

Terminando, nada mais me

resta que vos saudar; a vós, que, em cada um dos que aqui estudam, ficai certo, tereis um admirador sincero pelo muito o que valeis, devido aos invejaveis attributos intellectuaes e moraes, que vos cingem a aureola de eleito do saber e da gloria.

Recebei portanto, de nós que somos a alma da mocidade em flôr que vibra, os nossos parabens, os nossos aplausos e o nosso testemunho de gratidão.

O SILENCIO

O silencio é a voz da natureza; é nele que se geram as melhores ideias, as ideias sensatas, quando o espirito se acha totalmente desacompanhado do borborinho impertinente que se acompanha a conjugação de muitos espiritos.

O homem, ou melhor o ser humano, que queira por em evidencia algum mysterio, deve procurar, antes que tudo, indubitavelmente, o silencio.

O silencio é o companheiro dos que sofrem, o seu confidente. O homem que o não procura não sabe julgar-se, a si proprio. Ele, enfim, preside a todos os efeitos primordiais da vida sensata; é o companheiro da noite, e, portanto, leitor que me lê, busca a noite, porque é a noite que nossos espiritos vivem, sim, os espiritos sensatos. E na sombra dela, no silencio, que vemos a vida tal como ella é; vemos-a com um sorriso amarello, como que se estivesse escarnecendo da estupidéz dos espiritos desventurados que fingem vê-la cor de rosa, uma aureola de beijos.

O silencio é o nosso maior amigo, o amigo dos que querem saber o que é a vida, e, se quizeres viver conscienciosamente, leitor, recorre-te a elle, porque elle te fará ver os bons e os maus com que vives.

Quando vieres de uma atmosfera impregnada por aroma de cabélos e de flores, bem como por perfumes exalados do roçar de sédas; quando vieres de um atmosfera em que viste os teus pares deixarem abri-se os mysterios dos seus séros: palavras de amor, sorrisos lascivos, gestos de volupia, recorre-te ao silencio e elle te dirá que tudo fóra o produto do inconsciente.

O inconsciente domina o consciente, nos espiritos fracos, nos que não pensam, porque?—Porque não procuram o silencio para julgarem-se, para medirem consequencias que lhes possam sobrevir desta ou daquela ideia que lhes fulgiu no espirito. Lembra-te do «Pensando sempre» de Newton, porque só podemos pensar, con-

clue-se disto, quando estamos a nós, com o silencio.

Se tiveres, portanto, o espirito acobruhado por tristezas desventuras, procura o silencio e, com elle, faz o exame da tua consciencia, antes de dares um passo duvidoso.

As correntes que fazem mover as rodas do mundo, assim disse Helps, nascem nos sitios solitarios.

2-8-921

Anyelmo.

RETRATANDO

C. B. L.

Quem, ao vê-la, não exclamará: «Alfeu, fais que le puisse aimer!»
E' um typo raro como raras são as essencias do Oriente. Morena, de porte esbelto, senhora de um sorriso meigo e attraente. Os seus cabélos são de um castanho escuro lindissimo, suas orbitas emanam deslumbramentos que se confundem com os matizes do sol ao ratar. A sua pessoa lembra as filhas das selvas de Pery.

De anno em anno se torna mais formosa, e novo brilho, novas graças cria E' a imagem de uma ave que foge ao estalar de um ramo, de uma flôr que murcha á osculação de uns lábios. E, se algum quizer, com estes traços, procurar o original, encontre-o-a, embora raras vezes, na janella de seu sobrado, ou aos domingos, nas sessões do cinema...

II

A. G. P.

Só o genio immortal de um Rubens poderia descrever com segurança o perfil encantador desta mademoiselle, o não o meu, o de um simples amador.

Influenciado, pela lygia belleza desta nossa graciosa conterranea, é que ousou, não com muita exactidão, retratá-la.

Da alta sociedade de S. Luiz, possuindo um porte elegante, é a gentil senhorita deste retrato uma das mais bellas flores que desabrocham no grande jardim da Perfeição.

Quem lhe vê os meigos olhos castanhos, sempre limpados e serenos, tem a impressão de estar contemplando duas fontes de Luz e Harmonia.

Os seus cabélos são loiros, como d'ouro são os beijos de Phebo; o seu sorriso é o descorinar da Aurora, é a expressão nítida de sua alma, é o reflexo de seu bondoso coração... Anterora torcedora do arizol, vemol-a sempre em seus salões, emprestando com aquella ingenuidade de criança mais encanto á nossa alma triste, mas admiradora do Bello!

O seu nome, na mythologia grega, com os de Euphrosina e Thalia, formam o conjunto sublime de—As tres Graças—que nada podem á Arte para realçar os seus encantos e attractivos.

Cragon.

Recebemos, enfeixados em um só volume, os numeros 8 e 9 do «Ateniense», organo da Legião dos Atenienses.
Gratos. Visitámo-lo.

A Abelha Azul

(Conto Chinez)

Uma noite, no pavilhão de um mosteiro, para onde se havia retirado, o jovem estudante Bambu de Ouro estava inteiramente entregue ao seu estudo, como de costume, quando fora da janella, ouviu uma voz feminina exclamar:

— Oh! como o senhor Bambu de Ouro é estudioso!...

Surprehendido, levantou-se vivamente e debruçou-se na janella para olhar.

E viu, em compridas vestes azues, uma menina incomparavelmente tão formosa, que logo comprehendeu não se tratar de um ente real. Entanto, perguntou-lhe polidamente quem era.

— Olhe-me bem — disse ella num tom ligeiramente graciosador — tenho o ar de um fauno? Mas, para que perguntas inúteis?... Receias abrir-me a vossa porta?

— Oh! não! quem quer que sejas, entra — exclamou elle, adiantando-se em afastar os trincos de laca vermelha.

E colhendo as suas largas vestes, a desconhecida penetrou quasi, correndo, no pavilhão.

— Fecha — disse, — fecha bem.

Bambu de Ouro correu os ferrolhos, desceu o store em frente a janella e arvou um pouco a luz da lampada. Depois, voltou-se para a menina que, de pé, no meio do quarto, olhava-o sorrindo...

Tão bonita lhe pareceu e tão perturbado ficou, contemplan-do-a, que o seu coração entrou a pulsar cada vez mais apressado e ficou impossibilitado de falar.

Ella sorria sempre, olhando-o.

— Agradeço-vos a hospitalidade — disse, n'uma voz muito doce — mas, descança, sou extremamente delgada e pouco logar occuparei.

Elle julgava sonhar, vendo-a desatar a sua comprida tunica de seda, que cahiu sem ruido, e vendo-a encolher-se em uma cadeira de vime, onde adormeceu.

Tornaram-se amigos. Elle ficou amando muito aquella doce menina que vinha, fielmente, todas as noites e fugia precipitadamente antes do amanhecer.

Uma noite, em que ambos juntos conversavam, trincando confeitos, notou elle, pela sua conversa, que ella conhecia muito bem musica.

— A vossa voz é tão fina e tão encantadora — disse elle — que estou morrendo de desejo por ouvi-la. Parece-me, entretanto, que se cantas uma canção, absorvereis a minha alma...

— Receio, em verdade, absorver a vossa alma e não ousar cantar-vos a minha canção.

Bambu de Ouro tanto insistiu que ella lhe disse, por fim:

— Vossa creança não quer obedecer-vos. Seria, no entanto, muito perigoso para mim, ser ouvida por qualquer outra pessoa, além de vós. Desde, porem, que insistis, vou experimentar, apesar de inapta, mas em voz baixa. Apoiou-se nos braços de um criado, boteu o compasso com o pé, ligeiramente; e cantou:

« Ah! como me entristece o corvo que grasso na arvore vizinha... »

« Elle quer apressar a minha partida e me adverte que a hora está passando... »

« Não é que eu tema molhar o bordado dos meus sapatos no orvalho da manhã. »

« Mas é necessário partir só e só, deixar o meu companheiro... »

A voz era fina, tenue como um fio de seda, difficilmente perceptível; entanto, escutando-a de perto attentissimamente, tornava-se verdadeiramente atordoadora e delicada, agradável para o ouvido, enternecedora para o coração.

Terminada a canção, a menina abriu a porta, sem ruido, e olhou para fóra, inquieta. Saliu, fez uma volta, correndo em volta do pavilhão e voltou.

— Porque estaes, assim tão inquieta? — perguntou Bambu de Ouro, agitado. Ella respondeu, forçando um sorriso:

— Os espiritos vivem por fraude e temem os vivos — diz o proverbio, e eu não sou um espirito? Elle tentou acalmá-la. Ella, porem, continuou agitada, inquieta.

— Terminou, agora, a nossa felicidade, suspirou.

— Porque?...

— Não sentis como o meu coração bate apressado, muito apressado?... effeito do presentimento...

— A febre, ás vezes, perturba-nos sem razão. Não digas que a nossa amizade acabou...

Ella acalmou-se um pouco e, como nas outras noites o fazia, não se deu pressa em fugir, quando o relógio marcou a hora da separação.

Abriu lentamente a porta e, com angustia, voltou:

— O meu animo está ainda um pouco fraco — disse.

Queira acompanhá-me um pouco. Deixar-me-a para além do muro do templo.

Elle fel-a apoiar-se, ao seu braço e acompanhou-a até que ella ordenou que a abandonasse. Parou e seguiu-a com a vista; mas de repente, viu-a desaparecer...

La decidir-se a voltar quando

julgou ouvir gritar fracamente: — « Socorro! »

Atirou-se na direcção que havia tomado a sua amiga e olhou para todos os lados.

Nada viu. O gemido, no entanto, persistia e pareceu-lhe vir do tecto da galeria que renteava.

Levantando a cabeça, distinguu, á claridade do luar, uma aranha das dimensões de uma bala, a qual segurava alguma coisa entre as suas horribes garras, enquanto os gemidos se tornavam cada vez mais dolorosos. Bambu de Ouro rasgou a teia e libertou a presa, enquanto o monstro fugia.

O rapaz sustinha nas mãos uma linda abelha azul, quasi morta. Tornou apressadamente para casa e colocou-a delicadamente sobre a mesa do seu quarto. Dentro de pouco tempo esta pareceu reanimar-se, sacudiu as azas azues que reflectiam o brilho polido, procurou andar, e tomou lentamente a direcção do tinteiro aberto na escrivaninha. Pareceu querer lançar-se nelle, depois, descendo, arrastou-se sobre o papel desenrolado e traçou esta palavra: « Agradecida! »

Um estremecimento azul fez vibrar as suas azas... ergueu-se e, pela janella aberta, foi-se para nunca mais voltar...

Jose D. Barbosa.

Trad. do livro « En Chine » de J. Gautier.

Um accidente

O nosso caro amigo Lulú, antes de se casar, era um rapaz muito levado da bréca, e tinha o dom de inquietar as meninas, endoidecer as viúvas e mexer com as casadas da sua vizinhança. Tornava-se o terror dos papás zelosos que não admittiam conversas suspeitas nem cochichos com a sua filha, e que sobravam sempre uma bengala grossa, cuja aparição fazia os namorados darem vezão a certas coisas amolhadas, fóra de hora.

Mas o Lulú bem pouco se incomodava com a bengala dos papás, e vivia utirando uma linha da filha do banqueiro X, de quem o nosso herói se fizera amigo afim de conquistar o terreno sem muitas perdas. E tanto amou o banqueiro que ia todas as tardes jogar com elle uma bisca a grãos de milho, e nessa occasião encontrava bréca de dar uns bellosões na Joanna a filha do amphytrion, bellosões que lhe eram retribuidos calorosamente, enquanto que, com a vista, ella fingia interessar-se pelas cartas do pai.

Vio a filha-se nessas meninotas sonas, de olhos baixos, muito innocentes, fingindo-se coradas por qualquer palavrinha de sentido duplo; mas que na intimidade têm mais calorificação que qualquer dessas rapariguitas assanhadas por quem o mundo não dá nem um tostão furado!

São as perigosas, leitor, e perigo-

sissimas são para a tua integridade de solteiro commodista.

Max voltamos á vaca fria. O papá banqueiro não dava pela patifaria, mas como queria que a sentinella attenta vigiasse as movimentos da pequena, chamou a filha sogra do Lulú, uma velhota de estatura como um pato, com um nariz capaz de desmammar a creança mais mamadeira do mundo.

A velhota, vindo á sala, não permitia mais liberdades, e quera a filha sentadinha ao seu lado, muito quieta.

— Que diabo! aquillo era o diabo! rugia o Lulú.

— Mas que é isso, seu Lulú? Não te encho um az de paus e de dâ-me a sete? Que mosca lhe deu? dizia o velho.

E relanceava os olhos á filha. A velhota dardejava logo umas vistas desconfiadas á filha que, de olhos baixos, limpava as unhas. Não sabe o leitor que os olhos baixos indicavam, mais que nenhum outro indício, que havia patifaria no ar?

Um dia, um bello dia, em uma tarde linda, tomaram os velhos papás e a filha o bond do Anil.

Leitor, extranhas que um banqueiro como o sr. X não alugue um automovel para ir ao Anil, não é assim? Pois fica sabendo que a gente rica é sovina como cinco farrapos juntos, e o nosso banqueiro era capaz de por palha no olho de um boi, e collocar a filha no carro, para o animal não se assustar com a rapina. Foi assim, leitor, e assim como a velhota não permitia um passo de mais, o Lulú não podia fazer mais do que me tinha esquecido de dizer era que o Lulú a filha do banqueiro, porventura, luctava com os papás e dar lições de amor á pequenota? É possível, mas a filha da velhota não cessou.

Correu a viagem de ida muito bem.

Na volta, a filha achou-se enfiada entre os papás, e o Lulú ficou visinho do gordura monumental da futura sogra, companhia pouco agradável, e trineira interminável entre o Lulú e a Joanna.

Anoteceu. Sabe o leitor o que são os bondes do Anil — ligeiros como kágodos (accentuem o primeiro A) reumaticos? Eram 7 horas de malto, e o bondinho vinha ainda pelo tecto.

Ora, era uma occasião excelente para a revolução em manobras. E o Lulú relanceou os olhos, o bondinho vinha vazio. O condutor ficou atraz na cochilagem e o cocheiro pingava somno pelos olhos.

Lulú amanhoeira entre as pernas da velhota. Mas estava sempre como breu, e o Lulú, metido no breu, não reparava nem onde ia se sentar.

E sentou-se junto da filha do banqueiro, ou antes, julgou-se perdido d'ella. E como a occasião não offerecia demoras, o Lulú iniciou as operações. Mas ao dar uma bellosão terna na face que ficava a lado, elle sentiu que uns bigodes esticados o espetavam, ao mesmo tempo que um vozinho bradava:

— Socorre, Francisco! Este rapaz vergonha, este galopin heilhe!

Então o Lulú compreendeu que beijara os bigodes da sogra, e exclamou n'agras dizendo:

— E o diabo da velhota, em vez de ficar lisongeada com o meu beijo, brada ás armas!

Aristides L. Ferreira

Divagações

Raro era o dia em que não o encontrava a esmolar pelas estradas, curvado pelos annos, apoiado a um bordão, a gottejar suor, mostrando no rosto engeado a brancura da barba espessa que lhe desceia até ao peito, á semelhança daquelles prophetas do judaismo que atravessavam os seculos, apregando nos desertos da Palestina, os seus vaticínios, num tom plangente de credulidade pagã.

Rara esta a impressão que se me apoderava do espirito sempre que uma natural coincidência me collocava á frente daquella figura patriarcal, digna de commoção e de respeito.

E não sei porque sentia pelo velho Lucio um certo sentimento de afeição, concorrendo bastante para isso as suas maneiras humildes com que se aproximava dos tranzeantes, aos quizes estendia o seu largo chapéu de carnaúba, onde ia recolhendo o producto de sua triste peregrinação.

No seu aspecto melancólico e taciturno adivinhava-se todo segredo de uma existencia infeliz e trabalhosa.

Lia-se-lhe nas linhas inigmáticas do rosto, impressas pela mão rude do tempo, um longo poema de amarguras, cheio de episodios magdos, onde a dor se crystallizava na lagrima que solitaria boiava ao canto dos seus dois olhos azues.

A lagrima, que é o prefácio da existencia, ali se estampava na pujança formidável da sua materialidade, a inspirar piedade por tanto sofrimento, agasalhado no fundo dolorido daquella pobre alma do peccador.

Procurai sonhar-lhe o espirito, perquirindo-lhe dos motivos de tão negro destino.

Rara uma tarde amena de verão.

O sol succumbia lentamente na curva vulcanica do horizonte, deixando com a sua luz fulva a cúpula verde-escura dos vellos arvoredos que circundavam a erma habitação do velho Lucio.

Ao longe descortinava-se um trecho de rio, em cuja superficie espalhante um pequeno bafel de velhas alavadias singrava serenamente ao sabor da brisa vespertina.

Lucio, assentado num banco tosco de pinho junto á palhoça imunda, observava, absorto e commovido, essa transfiguração admirável da mãe natureza, procurando sondar-lhe os mysterios que ante os seus olhos maravilhosos se perdiam, na eloquencia grandiosa da sua suprema manifestação. E, com os olhos fixos no céu reseno e azul, mandava o pensamento para aquelles troços longínquos de sua vida passada, a debutar em espirito, no painel sombrio de seus negros dias, aquelles episodios alacres que foram para elle todo e esplendor do seu tempo de moço, unica distracção que lhe restava, agora, na phrase crepuscular de sua existencia.

Foi nesta attitude contemplativa e respeitosa que eu o surpreendi á porta da palhoça, de onde um cheiro activo de miséria desprendia irritando-me o olfacto.

O pobre velho começou a contar na sua voz rouca e lenta toda a historia de sua vida.

Trinta annos, disse elle, vivi no silencio confrangido de uma cella

de presidiario, onde sorri resignadamente o calice de uma mistura amarga preparada pela perversidade congenita dos homens.

Trinta annos, continuou elle, vivi numa cadeia, sofrendo os horrores do desterro, embuçado nas trevas de um destino atroz.

Cumpri a pena innocentemente, pelo facto de haver eu encontrado morto em uma estrada um homem, que ainda conservava no peito o punhal vingador que o victimara.

Approximei-me. Impulsionado por um sentimento de piedade, procurei retirar o punhal embebido ainda de sangue, na esperança de socorrê-lo, quando fui surpreendido pela justiça.

Naquelle tempo teria eu quarenta annos e occupava a profissão de marítimo.

Prenderam-me, condemnaram-me a galés perpetuas, apesar da minha negação formal e decidida.

O elemento de prova de que poderia dispor para minha defesa, seria o proprio paciente, se dispuzesse ainda na occasião em que lá me achava de algum sopro de vida. Infelizmente já era tarde.

Fui para o carcere e de lá sahi aos setenta annos de idade.

Que me restava? O tunulo.

Depois de algum tempo, foi descoberto o verdadeiro autor do crime. Já eu havia sofrido.

Sem esperanças sem forças para trabalhar, resolvi mendigar pelas estradas, arrastando a minha velhice desamparada pelas pedras aguçadas dos caminhos, até o dia em que Deus de mim se lembrou, levando-me para o conforto de sua divina misericórdia.

Não tenho ninguém por mim.

A minha velha companheira, cujo sorriso doou a minha existencia, casa, não mais existe.

Tenho simplesmente a companhia deste cão que aí vê, cujos serviços que me presta são os de um verdadeiro amigo — disse —.

A sua voz parecia partir do fundo de um abismo, de quando em vez os seus olhos marejados de lagrimas subiam aos céus, num gesto de repriminação e de vingança.

Uma subita transformação moral se operou em todo o meu ser ao ouvir as ultimas palavras do velho Lucio, que se derramavam aos meus ouvidos como um liquido corrosivo.

Tive impetos leoninos de exercer uma acção vingadora contra aquelles que o fizeram soffrer, para os quizes a sua alma candida e compassiva ainda tinha um resto de perdão.

E' este o meu destino! disse.

Despedi-me do velhinho, atirando-lhe nas mãos tremulas uma moeda; e segui, fitando o céu sereno, onde a lua surgia altaneira, prateando com o esplendor da sua luz suave e macia os cimos das montanhas.

De longe, ouvia o sons dos sinos que anuciavam as Ave Marias.

Um dia, quando os labores quotidianos me proporcionaram regressar á casa mais cedo, uma curiosidade inevitável impellio-me a aproximar-me de algumas pessoas que á certa distancia se agrupavam.

Lucio, em decubito dorsal jazia inerte sobre a herba rasteira que marginava a estrada.

Ahi, sob o baldanquim florido de um arvoredor, o velho Lucio estor-

cia-se nas vascas da agonía, com os olhos desmesuradamente abertos, onde se lia o periodo de uma historia muda, que tristemente se extinguia, no lacrimario daquelles dois olhos azues, que lentamente se fechavam, como duas urnas, encerrando todo o inventario de seu passado infeliz.

Nunca mais se me apagou do espirito essa visão horrivel.

Todas as vezes, que me aproximo daquelle lugar, onde se desenrolou esta scena, a figura do velho Lucio parece emergir da sombra do passado, a gritar pela estrada solitaria e sombria, com uma voz de além-túmulo, justiça! justiça! senhor meu Deus!

Robinson.

O Veado e o Jaboti

A tarde já ia em meio. O sol perdia a pouco e pouco sua influencia colorifera sobre a terra. E cido ainda, o Jaboti se dirigia á casa do coronel Urso. Como pretendente á sua filha, era-lhe preciso chegar por primeiro, pois aquelle que primeiro chegasse a receberia em casamento.

Subitamente, foi-se tomando de susto.

O Veado, que tambem era pretendente — ambos se conheciam por taes — passava-o, galopando.

Oh! meu Deus! Pru!... pru!...

Felizmente, atendeu-lhe o Veado.

— Oh! nem t'o vira! Onde vaes?

— Vou até ao sereno do jantar em casa do Urso.

— Bem, eu tenho um negocio importante, e estou tambem com vontade de ir lá.

Até logo...

— Olha... vem cá. Irei contigo nesse negocio.

— Não!... é segredo... Não te posso levar!

— Vamos fazer então outro negocio.

Como a natureza te deu este dote de muito correr, montarei em ti. Deitar-me-as no sereno, e ao depois te... esperarei...

O Veado emudeceu, por algum tempo.

Finalmente, respondeu favoravel ao pedido do seu antagonista.

Este se ficou preso por uma alegria interna. Não sabia talvez as intenções do astuto Veado. Montou, Galtoado! Mais ao longe, cahiu, não pedendo aguentar o tremendo galope. E se fosse só a queda!

Galtoado! rachou-se todo.

Oh! miseravel! cético! ulalou!

Entornando a cabeça, os olhos inundados, ia implorar o pobre divino.

Não lh'o foi preciso. Nossa Senhora bem vira a sua angustia, e descendo numa nuvem juntou os cascos espallados, uniu-os de goma divina, e os uniu.

Em terminando, disse-lhe — Levante-te agora nesta nuvem, puxada pelo poderoso vento, á casa do Urso.

Ficaste alejado, e feio, grudado, mas isto não importará de teres uma melhor sorte que o Veado, bello e esperto...

Veloz, rapido qual um raio, cortando a amplitude intida, chegou o sege de Nossa Senhora ao lugar destinado.

Os convivas todos, estupefactos ante a aparição divina, sabedores do ocorrido, comprometeram-se ao de vido castigo.

Não tardou. Oh! qual o motivo da demora? perguntou o Urso ao Veado, quando este lhe entrou porta a dentro.

Demora? Foi talvez um... negocio...

Um negocio não? Onde ficou o Jaboti?

— Fi... cou... fi... cou em casa.

Disse-me, que cá não... vinha.

— Ah! meu tratante! gritaram todos, sahindo dos cantos, armados de pau.

E surraram-no bastante. Fugiu esbafoado para sempre, antes de lá morrer...

Entretanto, o infeliz e... feliz Jaboti, com as costas quadradas, feio, horrivel, casou-se com a filha do Urso, achou eu, que mais por o tornarem como divino...

Moralidade

Se a todos este castigo
Tal e qual acontecesse
Não teriamos mais amigo
Que na feira nos vendesse.

14-8-1921.

De Castro Martins.

EURICO CARUSO

Morreu o rouxinol italiano!
Está de luto o raundo artistico!

Caruso era indubitavelmente o maior dentre os maiores tenores destes ultimos descenicos.

A sua voz, clara, harmoniosa, segura, fascinava e dominava todos os corações.

Sua garganta de ouro sabia interpretar com sentimentalismo e perfeição os mais arriscados trechos classicos.

Seduzia arrebatando desde os homens mais cultos até os mais humildes.

Esquecido e sem recursos na sua infancia foi, pouco e a pouco, salientando-se pela maviosidade de sua voz.

Foi feliz. O Destino abriu-lhe as portas da Glória.

O seu nome, coroado de louros, impoz-se á admiração do universo.

No apogeu da Fama, quando esta já o tinha circundado, eis que se não quando sua saúde foi alterada por uma cruel enfermidade.

Não lhes regateou sacrificios a Sciencia.

Cada vez mais afluído, procurou lugares onde pudesse encontrar meliores.

Da Italia veio á New-York e ahi se submeteu a diversas intervenções cirurgicas.

Apparentemente melhor, volta o seu torrão natal, e a ingrata Parca o arrebatou do convívio dos homens, na plenitude da Vida.

Morreu. O seu nome, porém, ficará gravado para Eternidade no coração das gerações futuras.



Biblioteca Pública de São Paulo

Analysando...

Quando no nosso numero passado, pelas columnas d'este jornalinho, tratamos do busto do Antonio Lobo, pedindo que o comitê encarregado da ereção do bronze deste escriptor, nos esclarecesse, visto já estar no olvido publico este assumpto, publicando um balancete para sabermos ao certo em quanto monta a quantia arrecadada para este fim, pensamos que viriam aquelles Srs., pela imprensa local, dizer algo a respeito.

Tal não aconteceu, porém. No silencio estavam, e ali permanecem ainda.

Queriamos simplesmente que dessem, não a nós, e sim ao publico, que tão espontaneamente deu o seu concurso, uma satisfação do acto inqualificavel do escriptor Celso Antonio.

Não pensam os Srs. membros do comitê que estamos duvidando de sua honestidade. Não.

Longe de nós, tal ideia. Apenas queremos, que estes Srs. exijam do Sr. Celso Antonio o cumprimento do contrato por elle assumido. E tão somente isto. Aguardemos.

José Augusto Corrêa

Anos atraz, no dia 3 de Agosto, a casa deste nosso querido mestre enchia-se de alegria, de risos e de flores.

Junto à sua exma. esposa, D. Emilia Bayma Corrêa, o inescutível professor via transcorrer a sua data natalicia, entre affectos e carinhos dos seus amigos e dedicados alumnos, sempre com o riso a aflorar na sua face de ancião.

Um dia, porém, a morte, traçoeframente, arrebatou-o do nosso meio, separou-o da nossa companhia.

Os dotes, entretanto, que pullulavam na sua alma benevolente, não permittiram e não permittirão jamais que o deixemos em pleno olvido.

Envergando, a todo o momento, o seu caracter firme e immaculado, os vestigios deixados, na sua passagem, pela vereda escabrosa da vida, são limpidos e fulgurantes.

Quem o conheceu, bem pode julgar ovalar d'aquelle coração humano, escondido sob o abrigo dum peito, onde respirava o amor pelo estudo.

O primeiro campo da sua lida foi a vida publica; e nesta peloujou, muito tempo, desempe-

No paiz do sonho

Sorriso Indefinido

(Para o Guilherme Macielra)

...E ella morreu... Os labios enflorando
Um estranho sorriso, me dizia:
—Não permittas morrer tua Maria...
Quero sempre viver, viver amando!...

E a sorrir, a sorrir, e delirando,
Numa lenta e tristissima agonia,
A illusão derradeira fenecia,
A mais bella illusão de todo o bando...

...E ella morreu... Emtanto, prazerosa
Ostenta minha face, sem resabios
De amargura, a alegria vaporosa!

Mas, nossa alma nem sempre se revela:
O sorriso que mora nos meus labios
E' o sorriso final dos labios della!...

IV/VIII/MCMXXI

Matta Rosa

TALVEZ...

Esqueceste-me. Eu sei. No altar do teu carinho
Diz a missa do amor um outro affecto, agora.
Não me queixo. Nasci para viver sosinho
E sósinho seguir por este mundo em fôra

As minhas illusões, os sonhos meus de outr'ora
Morreram da existencia ao longo do caminho.
Contemplo, indiff. rente, o alvorecer da aurora
E, indifferente, escuto a voz do passarinho.

Antes nunca eu tivesse olhado o teu semblante...
Meu peito despedaça uma aueia indefinida.
Desse encontro fatal desde o primeiro instante.

E ao misero, talvez inda afagasse a sorte,
Se a vida desse amor não fosse a minha vida,
Se a morte desse amor não fosse a minha morte!

Mendes Martins.

quando, com magnificencia,
todos os cargos espinhosos
que lhe confiaram

Depois, então, fatigado sob o
peso dos annos, entregou-se
ao magisterio e ali, com des-
velo, sabia pacientemente á-
commodar as suas lucidas ex-
plicasões nos espiritos dos
seus discipulos.

José Augusto Corrêa foi a
primeira fonte onde me desal-
tere; foi o primeiro guia no
meu caminho de preparato-
riano.

Incalculavel foi o proveito
que com elle obtive nos minu-
tos, horas, e, ás vezes, dias
que passei com elle, delectando-
me com as suas lucidas lições,
onde patenteava o crescido ex-
poente de sua sabedoria.

O mestre desapareceu, de-
ixando, nos corações dos estu-
dantes, o germen da saudade;
foi rosa decepada, cujo aroma
inda perdura, e perdurará sem-
pre bem distincto.

José Augusto dos Reis

Secção feminina

Meditações...

Não há luar, mas a noite é tão cla-
ra por uma miriade de estrellas, e
tão fresca que nos convida a me-
ditar!

De repente, veio-me ao pensa-
mento a tua sempre passivel pessoa
e... pensei. Pensei quando desper-

tao em meu fragil e sensivel cora-
ção... o amor. Esse amor que dizia
ser tão sincero! E eu que julgava
serem também sinceras as tuas pa-
lavras, que porociam sahidas do imo
d'alma, resolvei corresponder-lhe,
porém, com amor simples, descul-
dado e puro.

Passadas uns segundos, eis que se
torna a noite.

Grossas nuvens são formadas e
cahem em chuva copiosa.

Assim como a noite se transfor-
mou, assim, eis que, quando, quando,
todas as tuas phrases que tão puras
dizias serem, mudaram-se... e agra-
ste o teu affecto (segundo affirmas)
a uma outra que, talvez, pensas
ser mais digna do teu amor, porém,
que não ultrapassa em doçes que a
natureza soube a mim dispensar.

Não julgues que, com isso, magôas
o meu sensivel coração. Não! Elle
saberá resignar-se como se resigna
de qualquer magoa que soffre.

Pego ao Creador que te conceda
muitas e unidas felicidades; e en-
contrarás sempre uma amiguinha
humilde e sincera em

Sensitiva.

A ultima esperanza...

Nada haverá de mais sombrio
neste mundo do que quando se per-
de a ultima esperanza... A ultima
esperanza não é como o sopro do in-
verno para as andorinhas, porque,
se ellas levam saudades do ninho
que deixam nos telhados quando
partem para outras regiões, regres-
sam após, na rissonha e bella prima-
vera, revendo as flores com seus
odores, o sol, com seus vivificantes
raios e as arvores com suas verduras.
Só morre para sempre, a esperan-

ça!... Nem os golpes da impetuosa
tempestade que derriba o tépido pin-
ho suspenso na folhagem, se pode
comparar com a tremenda catastro-
phe da ultima esperanza!

Porque, assim como a terna avesin-
ha solta em comovimento trinado ao
ver o rapido destroço, assim também,
após, gorgoeja satisfeita e feliz ao
reconstruí-lo de novo...

Ao passo que, a ultima esperanza
nos segue até á campa fria!

Almanice.

DIVERSÕES...

Se o Maranhão é uma terra atra-
zada em outros pontos de vista, em
diversões é uma lastima. O que te-
mos aqui para nos divertir? — Um
cinema.

Ora o que é um cinema para uma
população de 60.000 habitantes?

E por ser um só, é que seus pro-
prietarios exploram, á vontade, o po-
bre publico; quer levando films or-
dinarios dias de Domingo — pois têm
certeza da casa cheia, — quer faze-
ndo tocar films sem nenhum valor ar-
tístico, por preços extraordinarios.
Mas o que se ha de fazer se elles
têm o monopolio.

O theatro que era a outra casa de
diversões e que ha muito tempo es-
tava fechado por seu estado de rui-
na, está passando por uma reforma
e não é já que temos espectaculos
nelles. Temos, é verdade, um outro
cinema, mas é de segunda classe o
não vão familias lá. Resta-nos o foot-
ball, que, como em toda a parte, está
em sua fase de decadencia. Aquillo
era diversão e não era, porque qua-
si sempre terminava em uma trage-
dia de bofetadas entre os jogadores



as artes, tendo como epílogo as danças e os jogos. Ora o futebol, jogado em decadência, não vão famílias nos jogos, e não consiste em uma brincadeira.

Os jogos de dança, creio, é o que resta, e o que nos diverte um pouco. Mas o Maranhão é terra onde não se dança.

Companhias dramáticas ou de operetas, que a lyrica não é fructo prático, e as como os astrônomos de antigas, de era em era. Em outras palavras, consiste em um genero de diversões, os passeios de automoveis, as fazendas por preço módico, e a festa calçamentada. Aqui? Deus sabe! O preço é uma exorbitância, e a festa por cima de se pagar, e a festa com os intestinos em redenção por tantos choques gamados. De tempos, um grupo de papas bem feitas, e os organos, um footing na praça, e os calçamentos. Diz.

A primeira, se bem, não tem a morte. Resultou depois de um tempo, uma nova festa. Como as coisas da terra, porém, foi morrendo aos poucos.

A segunda, da poluição que toca na sociedade, ultimamente lá se contenta em estudar por nos jornais o problema da não via. Assim, termina a história por completo.

Não se queira as esperanças; pode ser que para o segundo centenario da independencia nós já tenhamos boas ideias, theatros, quizes um Municipio, e talvez a esperada tração electrica. Para este, é impossível, a distancia muito peria, e não ha tempo. Não somos como aquelle povoado lá da terra da São Sam, que se lembra de coisas em dias...

Companhia de nós.

K7.

Não creio, quando na outra minha chroniqueta, disse aos leitores que a epidemia de concertos ainda continuava. Prometi, depois da ar. Latorzi, outros, e ali esteve a sra. Clara de Almeida e o sr. Moita Marques que de um dia para a serie a seguir... Temos paciência. Ainda vem gente em camião.

É o discurso, proferido pelo nosso companheiro Francisco Araújo, a 14 de Julho, no salão nobre do Instituto «Gomes de Sousa».

A propósito de um dos incidentes que empregou nos seus officios, disse Kepler: «Se a natureza é modesto e fastidioso, como se foi de mim».

Não tem aquella mesma auctoridade do mestre sabio, não com aquella mesma elevação de espirito, vo-las repito, na certeza de que me seréis indulgente dispensando-me o critério de me julgardes pelo saber antes pelo estudo, ou então, quando pela boa vontade de quem como eu toma sobre os hombros encargo como este de escrever com as minhas forças. Que eu vos não poderia dizer no canto á grande dacta

que neste dia se celebra em toda a face do orbe, já, de maneira satisfactoria o fez, com elevação de pensamento, irrefutáveis dados historicos, em phrasas elegantes, o distincto belletrista Oliveira Roma, satisfazendo assim, o convite que lhe fizera o nosso dignissimo director. Neste caso, então, sobrevira á vossa mente a ideia, sem duvida bem concebida pela qual me julgareis meio intruso em occupar-me do assumpto, cuja grandeza já nos foi estudada brilhantemente.

Entretanto, releve-se-me o direito de vos retrucar afirmando, sem receio de contestação, ser unica e exclusivamente levado pelo ardor patriótico, — este sentimento extraordinario, irresistivel, empolgante, avassalador, que ousei, dominado de espirito, vencer obstaculos e aqui tambem cantar convosco hymnos de louvores, e associar-me ao enthusiasmo dos nossos corações, commemorando o destruidor do arreból deste dia do mundo e do Deus.

Exulta-me ainda o dever de como um dos seus admiradores, dizer em voz alta, já que não posso dirigir-me, em particular, a cada um de vós, alguma cousa de personalidade singular de Oliveira Roma, poeta lidino do nosso serião, a sua lyra, mais que outras, sabe bem cantar o mysterio da natureza, da vida, das grandezas, dessas pairagens, onde tudo extazia a alma pelo retiro, onde tudo embriaga o coração pelas emanções suaves de perfumes virgens, emfim, onde tudo se orchestra numa verdadeira harmonia de vibrações, de amor, de sonho o de belleza.

Elle, que o acaba de confirmar, autopsiando como que a alma do assumpto, em bem traçados e luminosos periodos, por onde deixa escapar, como fluidos terrissimos, segredos de luz de uma poesia, cuja critica não me arrogaria fazer-lhe porque, para falar de um poeta só outro poeta! e ai! de mim! pobre deserdado desses privilegios de que nos dota a natureza para cantá-la.

Não vim aqui para dizer quem elle é, pois, de todos nós, é soberbamente conhecido: quer, como poeta extimo, quer como jornalista emerito e orador, de que ora vos deu testemunho.

A elle, pois, neste ensejo, não somente, fazer-lhe conhecer mais de perto, e perante uma assistencia selecta e letrada, a sympathia e conceito que os seus proprios meritos me inspiraram e induziram a que eu os tornasse, apenas, em relevo, como preito de reconhecimento ao valor.

Terminando, nada mais me

resta que vos saudar; a vós, que, em cada um dos que aqui estudam, ficai certo, tereis um admirador sincero pelo muito o que valeis, devido aos invejáveis attributos intellectuaes e moraes, que vos cingem a aureola de eleito do saber e da gloria.

Recebei portanto, de nós que somos a alma da mocidade em flôr que vibra, os nossos para bens, os nossos aplausos e o nosso testemunho de gratidão.

O SILENCIO

O silencio é a voz da natureza; é nêlo que se geram as melhores idéas, as idéas sensatas, quando o espirito se acha totalmente desacompanhado do borborinho impertinente que soe acompanhar a conjugação de muitos espiritos.

O homem, ou melhor o sêr humano, que queira por em evidencia algum mysterio, deve procurar, antes que tudo, indubitavelmente, o silencio.

O silencio é o companheiro dos que sofrem, o seu confidente. O homem que o não procura não sabe julgar-se, a si proprio. Ele, emfim, preside a todos os efeitos primordiais da vida sensata; é o companheiro da noite, e, portanto, leitor que me lê, busca a noite, porque é a noite que nossos espiritos vivem, sim, os espiritos sensatos. E na sombra dela, no silencio, que vemos a vida tal como ella é; vemos-a com um sorriso amarello, como que se estivesse escarnecendo da estupidéz dos espiritos desventurados que fingem ver a cor de roza, uma aureola de beijos.

O silencio é o nosso maior amigo, o amigo dos que querem saber o que é a vida, e, se quizeres viver conscienciosamente, leitor, recorre-te a elle, porque elle te fará ver os bons e os maus com que vives.

Quando vieres de uma atmosfera impregnada por aroma de cabélos e de flôres, bem como por perfumes exalados do roçar de sedas; quando vieres de um atmosfera em que viste os teus pares deixarem abrirem os mysterios dos seus seios; palavras de amor, sorrisos lascivos, gestos de volupia, recorre-te ao silencio e elle te dirá que tudo fôra o produto do inconsciente.

O inconsciente domina o consciente, nos espiritos fracos, nos que não pensam, porque? — Porque não procuram o silencio para julgarem-se, para medirem consequencias que lhes possam sobrevir desta ou daquela idea que lhes fulgio no espirito. Lembra-te do «Pensando sempre» de Newton, porque só podemos pensar, con-

clue-se disto, quando estamos a nós, com o silencio.

Se tiveres, portanto, o espirito acobranhado por tristes desventuras, procura o silencio e, com elle, faz o exame da tua consciencia, antes de dares um passo duvidoso.

As correntes que fazem mover as rodas do mundo, assim disse Helps, nascem nos sitios solitarios.

2-8-921

Anselmo.

RETRATANDO

C. B. L.

Quem, ao ver-a, não exclamará: «Diga, fãz que se puzesse almei!»

É um typo raro como raras são as essencias do Oriente, Morena, de porte cabellito, senhora de um sorriso meigo e attraente. Os seus cabellitos são de um castanho escuro luzidos, suas orbitas emanam delicias, suas mãos e seus braços de um matiz de só se ralar. A sua pose lembra as filhas das selvas de Pery.

De anno em anno se torna mais formosa, e novo brilho, novas graças cria a imagem de uma ave que foge ao estalar de um ramo, de uma flor que murcha á osculação de uns labios. E, se alguém quizer, com estes traços, procurar o original, encontre-o-a, embora raras vezes, na janella de seu sobrado, ou aos domingos, nas sessões do cinema...

A. G. P.

Só o genio immarital de um Rubens poderia destrahir com segurança o perfil encantador desta mademoiselle, e não o meu, o de um simples amador.

Influenciado, pela lygial belleza desta nossa graciosa conferencia, é que ouso, não com muita exaltado, retratá-la.

Da alta sociedade de S. Luiz, possuindo um porte elegante, é a gentil senhoria deste retrato uma das mais bellas fôrças que desabrocham no grande jardim da Perfeição.

Quem lhe vê os meigos olhos castanhos, sempre limpados e serenos, tem a impressão de estar contemplando duas fontes de Luz e Harmonia.

Os seus cabellitos são loiros, como d'ouro, são os folhos de Phébo; o seu sorriso é o despertar da Aurora, é a expressão nítida de sua alma, é o reflexo de seu bandolo coração...

Adorosa torcedora do triador, vemol-a sempre em seus salões, em prestado com aquella ingenuidade de criança mais encaixada a uma alma triste, mas admiradora do Belo!

O seu nome, na mythologia grega, com os de Eosphrosina e Thalia, formam e conjuncto sublime de — As tres Graças — que não pedem a Arte para realçar os seus encantos e attractivos.

Crayon.

Recebemos, enfeixados em um só volume, os números 8 e 9 do «Ateniense», organ da Legião dos Atenienses.

Gratos. Visitamol-o.



A Abelha Azul

(Conto Chinez)

Uma noite, no pavilhão de um mosteiro, para onde se havia retirado, o joven estudante Bambu de Ouro estava inteiramente entregue ao seu estudo, como de costume, quando fôra da janella, ouviu uma voz feminina exclamar:

—Oh! como o senhor Bambu de Ouro é estudioso!...

Surprehendido, levantou-se vivamente e debruçou-se na janella para olhar.

E viu, em compridas vestes azues, uma menina incomparavelmente tão formosa, que logo comprehendeu não se tratar de um ente real. Entanto, perguntou-lhe polidamente quem era.

—Olhe-me bem—disse ella num tom ligeiramente gracedor—tenho o ar de um fauno? Mas, para que perguntas inuteis?... Receias abri-me a vossa porta?

—Oh! não! quem quer que seja, entra—exclamou elle, adiantando-se em afastar os trincos de laca vermelha.

E collocando as suas largas vestes, a desconhecida penetrou quasi, correndo, no pavilhão.

—Fecha—disse,—fecha bem.

Bambu de Ouro correu os ferrolhos, desceu o store em frente a janella e avistou um pouco a luz da lampada. Depois, voltou-se para a menina que, de pé, no meio do quarto, olhava-o sorrindo...

Tão bonita lhe pareceu e tão perturbado ficou, contemplando-a, que o seu coração entrou a pulsar cada vez mais apressado e ficou impossibilitado de falar.

Elle sorria sempre, olhando-o.

—Agradeço-vos a hospitalidade—disse, n'uma voz muito doce—mas, descanças, sou extremamente doída e pouco logar occuparei.

Elle julgava sonhar, vendo-a desatar a sua comprida túnica de seda, que cahiu sem ruido, e vendo-a encolher-se em uma cadeira de vime, onde adormeceu.

Tornaram-se amigos.

Elle ficou amando muito aquella doce menina que vinha, fielmente, todas as noites e fugia precipitadamente antes do amanhecer.

Uma noite, em que ambos juntos conversavam, trincando confeitos, notou elle, pela sua conversa, que ella conhecia muito bem musica.

—A vossa voz é tão fina e tão encantadora—disse elle—que estou morrendo de desejo por ouvi-la. Parece-me, entanto, que se cantades uma canção, absorvereis a minha alma...

—Receio, em verdade, absorver a vossa alma e não ousar cantar-vos a minha canção.

Bambu de Ouro tanto insistiu que ella lhe disse, por fim:

—Vossa creança não quer obedecer-vos. Seria, no entanto, muito perigoso para mim, ser ouvida por qualquer outra pessoa, além de vós. Desde, porém, que insistis, vou experimentar, apesar de inapta, mas em voz baixa. Apoiou-se nos balaustres do leito; botou o compasso com o pé, ligeiramente; e cantou:

«Ah! como me entristece o corvo que grasma na arvore visinha...»

«Elle quer apressar a minha partida e me adverte que a hora está passando...»

«Não é que eu tema molhar o bordado dos meus sapatos no orvalho da manhã...»

«Mas é necessario partir só e só, deixar o meu companheiro...»

A voz era fina, tenue como um fio de seda, difficilmente perceptivel; entanto, escutando-a de perto attentosamente, tornava-se verdadeiramente atordoadora e doída, agradável para o ouvido, enternecedora para o coração.

Terminada a canção, a menina abriu a porta, sem ruido, e olhou para fora, inquieta. Saliu, fez uma volta, correndo em volta do pavilhão e voltou.

—Porque estaes, assim tão inquieta?—perguntou Bambu de Ouro, agitado. Ella respondeu, forçando um sorriso:

—«Os espiritos vivem por fraude e tomam os vivos»,—diz o proverbio, e eu não sou um espirito? Elle tentou acalmá-la.

Ella, porém, continuou agitada, inquieta.

—Terminou, agora, a nossa felicidade, suspirou.

—Porque?...»

—Não sentis como o meu coração bate apressado, muito apressado?... effeito do presentimento...»

—A febre, ás vezes, perturba-nos sem razão. Não digas que a nossa amizade acabou...»

Ella acalmou-se um pouco e, como nas outras noites o fazia, não se deu pressa em fugir, quando o relógio marcou a hora da separação.

Abriu lentamente a porta e, com angustia, voltou:

—O meu animo está ainda um pouco fraco—disse.

Queira acompanhá-me um pouco. Deixar-me-a para além do muro do templo.

Elle fel-a apoiar-se, ao seu braço e acompanhou-a até que ella ordenou que a abandonasse. Parou e seguiu-a com a vista; mas de repente, viu-a desaparecer...

Elle decidiu-se a voltar quando

julgou ouvir gritar fracamente: —«Socorro!»

Atirou-se na direcção que havia tomado a sua amiga e olhou para todos os lados.

Nada viu. O gemido, no entanto, persistia e pareceu-lhe vir do tecto da galeria que renteava.

Levantando a cabeça, distinguia, á claridade do luar, uma aranha das dimensões de uma bala, a qual segurava alguma coisa entre as suas horribes garras, enquanto os gemidos se tornavam cada vez mais dolorosos. Bambu de Ouro rasgou a teia e libertou a presa, enquanto o monstro fugia.

O rapaz sustinha nas mãos uma linda abelha azul, quasi morta. Tornou apressadamente para casa e collocou-a delicadamente sobre a mesa do seu quarto. Dentro de pouco tempo esta pareceu reanimar-se, sacudiu as azas azues que reflectiam o brilho polido, procurou andar, e tomou lentamente a direcção do linteiro aberto na escrivaninha. Pareceu querer lançar-se nelle, depois, descendo, arrastou-se sobre o papel desenhado e traçou esta palavra:

«Agradecida!»

Um estremecimento azul fez vibrar as suas azas... ergueuse e, pela janella aberta, foi-se para nunca mais voltar...

Jose D. Barbosa.

Trad. do livro «En Chinez» de J. Gautier.

Um accidente

O novo eiro amigo Lulú, antes de se casar, era um rapaz, muito levado da brêca, e tinha o dom de inquietar as meninas, endoidecer as viúvas e meter com as casadas da sua vizinhança. Tornava-se o terror dos papás zelosos que não admitiam conversas suspeitas nem cochichos com a sua filha, e que solapavam sempre uma bengala grossa, cuja apertada fozia os namorados darem vazão a certas coisas amolhadas, fóra de hora.

Mas o Lulú bem pouco se incomodava com a bengala dos papás, e vivia atirando uma linha da filha do banqueiro X, de quem o nosso herói se fizera amigo afim de conquistar o terreno sem muitas perdas. E tanto amou o banqueiro que ia todas as tardes jogar com elle uma bica a grãos de milho, e nessa occasião encontrava brêca de dar uns beliscos na Joanna a filha do amphytrão, beliscos que lhe eram retribuidos calorosamente, enquanto que, com a vista, ella fingia interessar-se pelas cartas do pai.

Vão lá ficar-se essas meninotas soltas, de olhos baixos, muito innocentes, fingindo-se coradas por qualquer palavrinha de sentido duplo; mas que na intimidade têm mais calorificação que qualquer dessas rapariguitas assanhadas por quem o mundo não dá nem um tostão furado!

São as perigosas, leitor, e perigo-

sissimas são para a tua integridade de solteiro commodista.

Mas voltemos á vacca fria.

O papá banqueiro não dava pela patifaria, mas como queria que uma sentinella attenta vigiasse as evoluções da pequena, chamou a futura sogra do Lulú, uma velhota de dentada como um pato, com um coração capaz de desmanchar a creança mais mamadeira do mundo.

A velhota, vindo á sala, não permitiu mais liberdades, e queria a filha sentadinha ao seu lado, muito quietinha.

—Que diabo! aquillo era o diabo! rugiu o Lulú.

—Mas que é isso, seu Luiz? Então eu ponho um az de páus e você dá-me a sete? Que mosca lhe mordeu? dizia o velho.

E relanceava os olhos á mulher.

A velhota dardava logo umas vistas desconfiadas á filha que, de olhos baixos, limpava as unhas. Já sabe o leitor que os olhos baixos indicavam, mais que nenhum outro indicio, que havia patifaria no caso.

Um dia, um bello dia, em uma tarde linda, tomaram os velhos papá e a filha o bond de Anil.

(Leitor, extranhas que um banqueiro como o sr. X não alugue um automovel para ir ao Anil, não é assim? Pois não sabendo que a gente rica é sovina como cinco Harpões juntos, e o nosso banqueiro era capaz de por palha na frente de um boi, e collocar lhos olhos verdes, para o animal comer palha por capim. Fica sabendo disto!) Mas, como dizia, a familia dar um passeio ao Anil.

E o que me tinha esquecido de dizer era que o Lulú ia com ella. Esperava elle, porventura, ludibriar os papás e dar lições de amor á pequena? É possível, mas a asneiragem da velha não cessou.

Correu a viagem de ida muito bem.

Na volta, a filha achou-se collocada entre os papás, e o Lulú ficou visinho do gordura monumental da futura sogra, companhia pouco agradável, e truncheira intransponivel entre o Lulú e a Joanna.

Anotei-o. Sabe o leitor como são os bondes do Anil—ligeiros como kárgolos (accontentem o primeiro) rheumaticos. Em 7 horas da noite, e o bondinho vinha áinda pelo Prado.

Ora, era uma occasião excellente para a revolução em manobras.

E o Lulú relanceou os olhos. O bondinho vinha vazio. O conductor ficou atroz na cochilagem e o cochicheiro pingava como pelos olhos.

Lulú «manobrou» entre as pernas da velha. Mas estava a tro como breu, e o Lulú, meio-moque, não reparava nada onde ia se sentar. E sentou-se junto da filha do banqueiro, ou antes, julgou e lançou-se perto d'ella. E como a occasião não offerencia demoras, o Lulú fez ou as cooperações. Mas ao dar uma beijoca terna na face que tinha ao lado, elle sentiu que uns bigodes estranhos o espiavam, ao mesmo tempo que um vozinho bradava:

—Socorre, Francisco! Este sem-vergonha, este galapim beijou-me.

Ratão o Lulú comprehendeu que beijara os bigodes da sogra, e «calou a agua» dizendo:

—É o diabo da velha, em vez de ficar beijando com o meu pai, brada ás armas!

Aráides L. Ferreira.



Biblioteca Pública de São Paulo

Divagações

Raro era o dia em que não o encontrava a esmolar pelas estradas, curvado pelos annos, apolado a um bordão, a gottejar suor, mostrando no rosto enghado a brancura da barba espessa que lhe descia até ao peito, à semelhança daquelles prophetas do judaismo que atravessavam os seculos, apregoando nos desertos da Palestina, os seus vaticínios, num tom plangente de credulidade pagã.

Era esta a impressão que se me apossava do espirito sempre que uma natural coincidência me collocava à frente daquella figura patriarchal, digna de commiserção e de respeito.

E não sei porque sentia pelo velho Lucio um certo sentimento de afecção, concorrendo bastante para isso as suas maneiras humildes com que se aproximava dos transeuntes, aos quaes estendia o seu largo chapéu de caruinha, onde ia recolhendo o producto de sua triste peregrinação.

No seu aspecto melancólico e taciturno adivinhava-se todo segredo de uma existência infeliz e trabalhosa.

Lia-se-lhe nas linhas inigmáticas do rosto, impressas pela mão rude do tempo, um longo poema de amarguras, cheio de episodios magoados, onde a dor se crystallizava na lagrima que solitaria bolava ao canto dos seus dois olhos azues.

A lagrima, que é o prefacio da existência, ali se estampava na pujança formidável da sua materialidade, a inspirar piedade por tanto sofrimento, agasalhado no fundo dolorido daquella pobre alma de peccador.

Procuerei sonhar-lhe o espirito, perguntando-lhe dos motivos de tão negro destino.

Era uma tarde amena de verão.

O sol succumbia lentamente na curva vulcanica do horizonte, doirando com a sua luz fulva a cupula verde-escura dos velhos arvoredos que circundavam a erma habitação do velho Lucio.

Ao longe descortinava-se um trecho de rio, em cuja superfície espehante um pequeno bote de velhas alavadias singrava serenamente ao sabor da brisa vespertina.

Lucio, assentado num banco tosco de pinho junto à palhoça imunda, observava, absorto e commovido, essa transfiguração admirável da mãe natureza, procurando sondar-lhe os mysterios que ante os seus olhos maravilhados se perfilavam, na eloquencia grandiosa de sua suprema manifestação. E, com os olhos fixos no céu sereno e azul, mandava o pensamento para aquelles trechos longinquos de sua vida passada, a debuxar em espirito, no paizel sombrio de seus negros dias, aquelles episodios alacres que foram para elle todo o esplendor do seu tempo de mocço, única distracção que lhe restava, agora, na phrase crepuscular de sua existência.

Foi nesta attitude contemplativa e respeitosa que eu o surpreendi à porta da palhoça de onde um cheiro activo de miséria se desprendia irritando-me o olfacto.

O pobre velho começou a contar na sua voz rouca e lenta toda a historia da sua vida.

Trinta annos, disse elle, vivi no silencio confrangido de uma cella

de presidiario, onde sorri resignadamente o calice de uma mistura amarga preparada pela perversidade congenita dos homens.

Trinta annos, continuou elle, vivi numa cadeia, sofrendo os horrores do desterro, embebido nas trevas de um destino atroz.

Cumpri a pena innocentemente, pelo facto de haver eu encontrado morto em uma estrada um homem, que ainda conservava no peito o punhal vingador que o victimara.

Approximei-me, impulsado por um sentimento de piedade, procurei retirar o punhal embebido ainda de sangue, na esperança de soccorrel-o, quando fui surpreendido pela justiça.

Naquelle tempo teria eu quarenta annos e occupava a profissão de marítimo.

Prenderam-me, condemnaram-me a galés perpetuas, apesar da minha negação formal e decidida.

O elemento de prova de que poderia dispor para minha defesa, seria o proprio paciente, se dispozesse ainda na occasião em que lá me achava de algum sopro de vida. Infelizmente já era tarde.

Fui para o carcere e de lá sahi aos setenta annos de idade.

Que me restava? O tumulto.

Depois de algum tempo, foi descoberto o verdadeiro autor do crime.

Já eu havia sofrido.

Sem esperanças sem forças para trabalhar, resolvi mendigar pelas estradas, arrastando a minha velhice desamparada pelas pedras aguçadas dos caminhos, até o dia em que Deus de mim se lembre, levando-me para o conforto de sua divina misericórdia.

Não tenho ninguém por mim.

A minha velha companheira, cujo sorriso doou a minha existência, essa, não mais existe.

Tenho simplesmente a companhia deste cão que ali vê, cujos serviços que me presta são os de um verdadeiro amigo — disse —.

A sua voz parecia partir do fundo de um abismo; de quando em vez os seus olhos marejados de lagrimas subiam aos céus, num gesto de recriminação e de vingança.

Uma subita transformação moral se operou em todo o meu ser ao ouvir as ultimas palavras do velho Lucio, que se derramavam aos meus ouvidos como um liquido corrosivo.

Tive impetos leoninos de exercer uma acção vingadora contra aquelles que o fizeram soffrir, para os quaes a sua alma candida e compassiva ainda tinha uns restos de perdão.

E este o meu destino! disse. Despedi-me do velho, atirando-lhe nas mãos tremulas uma moeda; e segui, fitando o céu sereno, onde a luz surgia altaneira, prateando com o esplendor da sua luz suave e macia os cumos das montanhas.

De longe, ouvia o zom dos sinos que anunciavam as Ave Marias.

Um dia, quando os labores quotidianos me proporcionaram regressar à casa mais cedo, uma curiosidade inevitável impellio-me a aproximar-me de algumas pessoas que à certa distancia se agrupavam.

Lucio, em decubito dorsal jazia inerte sobre a herba rasteira que marginava a estrada.

Ali, sob o baldanquim florido de um arvoredo, o velho Lucio estor-

cia-se nas vagas da agonia, com os olhos desmesuradamente abertos, onde se lia o periodo de uma historia muda, que tristemente se extinguia, no lacrimario daquelles dois olhos azues, que lentamente se fechavam, como duas urnas, encerrando todo o inventario de seu passado infeliz.

Nunca mais se me apagou do espirito essa visão horrivel.

Todas as vezes, que me aproximo daquelle lugar, onde se desenrolou esta scena, a figura do velho Lucio parece emergir da sombra do passado, a gritar pela estrada solitaria e sombria, com uma voz de além-tumulo, justiça! justiça! senhor meu Deus!

Robinson.

O Veado e o Jaboti

A tarde já ia em meio. O sol perdia a pouco e pouco sua influencia calorifera sobre a terra. E cêdo ainda, o Jaboti se dirigia à casa do coronel Urso. Como pretendente à sua filha, era-lhe preciso chegar por primeiro, pois aquelle que primeiro chegasse a reccheria em casamento. Subitamente, foi-se tomando de susto.

O Veado, que tambem era pretendente — ambos se conheciam por taes — passara-o, galopando.

Oh! meu Deus! Pru!... pru!...

Pelizmente, atendeu-lhe o Veado.

— Oh! nem t'o vira! Onde vaes?

— Vou até ao sereno do jantar em casa do Urso.

— Bem; eu tenho um negocio importante, e estou tambem com vontade de ir lá.

Até logo...

— Olha... vem cá. Irei contigo nesse negocio.

— Não!... é segredo... Não te posso levar!

— Vamos fazer então outro negocio. Como a natureza te deu este dote de muito correr, montarei em ti. Deitar-me-as no sereno, e ao depois te... esperarei...

O Veado emudeceu, por algum tempo.

Finalmente, respondeu favoravel ao pedido do seu antagonista.

Este se ficou preso por uma alegria interna. Não sabia talvez as intenções do astuto Veado. Montou. Colgado! Mais ao longe, cahiu, não pedendo aguentar a tremendo galope. E se fosse só a queda!

Colgado! rachou-se todo.

Oh! miseravel! eretino! ulalul!

Entornando a cabeça, os olhos inundados, ia implorar o pobre divino. Não lh'o foi preciso. Nessa hora bem vira a sua angustia, e descendo numa nuvem juntos os cascos espalhados, untou-os de gomma divina, e os uniu.

Em terminando, disse-lhe: — Levante-te! agora nesta nuvem, puxada pelo poderoso vento, à casa do Urso.

Ficaste satisfeito, fêlo, grudado, mas isto não importará de teres uma melhor sorte que o Veado, bello e esperto...

Veloz, rapido qual um raio, cortando a amplitude infinda, chegou o sege do Nossa Senhora ao lugar destinado.

Os convivas todos, estupefactos ante a aparição divina, sabedores do occorrido, comprometeram-se ao de vicio castigo.

Não tardou. Oh! qual o motivo da demora? perguntou o Urso ao Veado, quando este lhe entrou porta a dentro.

Demora? Foi talvez um... negocio...

Um negocio não? Onde ficou o Jaboti?

— Fl...cou... fl...cou em casa. Disse-me, que cá não... vinha.

— Ah! meu tratante! gritaram todos, sabendo dos cantos, armados de pau.

E surraram-no bastante. Fugiu escafreado para sempre, antes de lá morrer...

Entretanto, o infeliz e... feliz Jaboti, com as costas quadradas, feio, horrivel, cazou-se com a filha do Urso, achou eu, que mais por o tomarem como divino...

Moralidade

Se a todos este castigo
Tal e qual acontecesse
Não teriamos mau amigo
Que na feira nos vendesse.

14-8-1921.

De Castro Martins.

EURICO CARUSO

Morreu o rouxinol italiano!
Está de lucto o mundo artistico!

Caruso era indubitavelmente o maior dentre os maiores tenores destes ultimos decenios.

A sua voz, clara, harmoniosa, segura, fascinava e dominava todos os corações.

Sua garganta de ouro sabia interpretar com sentimentalismo e perfeição os mais arriscados trechos classicos.

Seduzia e arrebatava desde os homens mais cultos até os mais humildes.

Esquecido é sem recursos na sua infancia foi, pouco e a pouco, salientando-se pela maviosidade de sua voz.

Foi feliz. O Destino abriu-lhe as portas da Gloria.

O seu nome, coroado de louros, impoz-se á admiracção do universo.

No apogeu da Fama, quando esta já o tinha circundado, eis que se não quando sua saúde foi alterada por uma cruel enfermidade.

Não lhes regateou sacrificios a Sciencia.

Cada vez mais aniquilado, procurou lugares onde pudesse encontrar melhoras.

Da Italia veio a New-York e ali se submeteu a diversas intervenções cirurgicas.

Apparentemente melhor, volta o seu torção natal, e a ingrata Parca o arrebatou do convivio dos homens, na plenitude da Vida.

Morreu. O seu nome, porem, ficará gravado para Eternidade no coração das gerações futuras.

A' borda do Abysmo...

Approxima-se o fim do anno.
E, com elle o *cauete* numa
densa nuvem de duvidas e re-
ceios, os terríveis exames.

Já ninguém vê um sorriso
franco nos labios dos estudan-
tes. Aquella garrida e espumante
e provocadora fugiu-lhes...
os namoros romparam-se...
devolveram-se os bilhetes per-
fumados...

A vida, agora, é muito outra.
Os pobres estudantes passam,
dia e noite, debruçados sobre a
banca, a ler, a estudar, ora re-
vendo theoremas mal sabidos
ora descrevendo naufragios,
passos maritimos, caçadas,
foot-ball, etc; ora procurando
a Ursa maior, o Cão menor,
telescopiando o anel de Satur-
no; ora visitando cidades, me-
dindo a foz do Amazonas; ago-
ra recordando o que fizeram
Moyse e Bonaparte; aqui ha
pouco traduzindo Byrone Chas-
teaubriand.

E os que fazem isso, com a
ajuda de Deus, vão vivendo.

Os que engolem o pão que
o Diabo amassou são os desin-
felizes preparatorios avulsos
de Phisica e Chymica! Esses,
colados! torcem as orelhas, e
dellas não pinga sangue!

Sem apocalipso, por mais que
façam, nunca chegarão a fazer
nada.

Nem a propria missa domi-
nica! assistem mais!

E, a noite, que pesadelos
medonhos! Os sonhos roseos,
azues, verdes, dourados esva-
ceram-se...

As visões que se lhes apre-
sentam a perseguição, durante
o mal dormido sono, são as
espumas dos professores Nas-
cimento Moraes, Raymundo e
Antonio Lopes, Oscar Galvão e
outros. E, numa agitação hor-
rível, ante estas figuras teme-
rosas, dão graças aos céus,
quando apparece a Paula com
a bandeja de café. E um ali-
vio...

Dirão: «Que fracos!»
Mas... qual o estudante, por
mais preparado, que não tenha
medo de uma reprovção? E
qual coisa mais «pau» que um
«pau» no fim do anno... a não
ser o veto d' Dr. Bona?!

No pai do sonho

Sobre o Parahiba

(Para o Helio Cunha)

A agua se eleva á fronde da floresta,
Augmenta e molha a cúpula mais alta;
E uma gota sensual, em meiga festa,
No niveo collo de Cecilia salta.

Da moça a face de rubor se esmalta...
Pery concentra a força que lhe resta,
E a gigante palmeira a terra falta,
E na grando corrente desce a festa.

E, sedente de amor, allucinado,
O indio contempla a virgem, que, de frente,
Se faz noiva num gesto apaixonado!

Toma a Pery... Cecy reclinou a fronte...
E, ao trocarem o beijo do noivado,
A palmeira sumiu-se no horizonte...

6.6.921

Matia Roma

Esperança

Fibra por fibra, esp'rança por esp'rança,
Boiam no mar do meu amor secreto.
Esta illusão que o meu pensar alcança
Inspira a musica deste meu soneto.

Passam-se os annos, meu viver avança,
Vivo somente para o teu affecto,
Junto de ti, oh, como sou creança,
Como é pequeno o meu sereno aspecto!

E o peito pulsa num soluço triste,
Como do mar o solugar lugente,
Cujo sofrer num forte amor consisto.

Fito o horizonte e a minha prece lança
Para minh'alma uma expressão dolente,
Tão triste como o meu viver de sp'rança.

Gustavo Filho

Do «Eden Perdido».

"A Escola"

Sabbado, por occasião da
magnifica festa da Escola Nor-
mal Primaria, e como orgão
desta importante e conceituada
casa de ensino, appareceu a
formosa collega cujo nome se-
rve de epigraphe a estas linhas.

Nasceu sob tão javeis auspi-
cios: Papel rubro, formato avan-
tado, quatro paginas, a joven
collega surge rebrilhando, en-
galanada com a colaboração
dos nossos mais authorisados
intellectuaes, por entre a qual,
transparece, em lindas phan-
tasias e optimas provas escriptas
de disciplinas diversas, o talen-
to das applicadas alumnas da
Escola Normal Primaria, inci-
tado pelo ingente esforço da
insigne preceptora Rosa Cas-
tro.

Encontram-se nas paginas
d'«A Escola» desde o ouro
massico dos mestres Arimathéa
Cysne e Nascimento, oraes e
o finissimo chris-tal de Ruben
Almeida ás pequeninas e sem-
tillantes pedras preciosas dos
intelligentes estudantes: Ru-
bens Damasceno, Luiz Rego,
Joaquim Menezes, Neusa Perei-
ra, Carmen Pearce, Alzira Hai-
kel, Marilde Machado, Marianna

Mendes, Gracinda Jorge, Alina Cou-
to, Iracema Mattos, Neide Sal-
gado e Benedicta Ferreira.

Respeitosamente, mandamos
os nossos effusivos profalças a
«A Escola»; e, agradecendo a
honrosa visita que nos fez, dese-
jamos-lhe muita prosperidade.

O ex-Kaiser

O ex-kaiser pretende vir mor-
rar no Brazil e entregar-se a
lavoura... «E' a noticia que
veridica ou inveridicamente nos
dá os ultimos jornaes.

Quer, n'um quer noutro caso
ella não deixa de ser assusta-
dora, para nós, brasileiros, que
não podemos ver com bons
olhos o Brasil abrir de par em
par as suas portas para hospedar
um homem que, por espaço
de annos, valendo-se da força
brutal dos seus exercitos e das
suas esquadras, commetteu
toda sorte de offensas as mais
degradantes ao brio e á digni-
dade da nossa patria.

Sua ex-magestade, porém,
não deixa de ter gosto. Venci-
do, fugido da sua terra, que
aniquilou; destituido do fausto

e da riqueza; viuvo de um thro-
no, que era o orgulho dos seus
antepassados; despojado da
força aniquiladora de um exer-
cito, com que impunha aos
seus subditos o culto theocratico
da sua pessoa e ás outras
nacionalidades um respeito
humilhante; vivendo hoje mal
e consrangido em uma terra
estranha, que o hospeda com
receio: — o tyranno vencido,
como unico meio de viver feli-
z e em paz os seus ultimos dias,
alarga as vistas cupidias para a
grande e serena Esperança da
nossa patria; e esquecendo todo
o mal que lhe fez; — os navios
torpedeados e o café confis-
cado, as degradantes injurias e
as offensas insultuosas — vem,
humilde e supplice, como um
evadido do mundo, bater á sua
porta hospitaleira...

Certo, que uma grande e pro-
missora hospitalidade não lhe
será negada, pois é já antiga e
proverbialmente conhecida de
todos essa boa e deploravel
qualidade do povo brasileiro.

Aqui, — e elle por certo que o
espera vagamente!... — logo á
sua entrada, elle terá as festas
pomposas e as honras milita-
res com que estamos habitu-
ados a receber os reis...
E dahi, as consequencias do-

JOE WIN.

Vivido Retrato

Dôr, angustia, aflição, emfim, chegaram
Envolvidas num véu de noite escura.
Da Sciencia os recursos se esgotaram;
Pertence, agora, o corpo á sepultura...

O esposo e a Pareia muito disputaram,
Muito aquella alma generosa e pura.
E ella aos céus subiu, os anjos a levaram
No carro sideral da formosura

E, saudades com lagrimas regando,
O tristissimo esposo apaixonado
De vê-la ainda desespera... E' quando

Descobre o fita, desprendendo beirão,
Seu retrato num berço perfumado,—
Que da mãe é retrato o louro filho!...

J. Reis.

A origem da navegação

Contam que, nos primitivos tempos da Phénicia, havia em Tyro uma poderosa rainha chamada Kelly que tinha por costume banhar-se em uma praia vizinha aquella cidade.

Acompanhada, sempre, de um cortejo luxuoso e numerosissimo, atravessava uma das mais importantes arterias da eurbia phenicia, e como se dirija ella á praia balnear.

N'uma daquellas manhãs, aconteceu que, estando a banhar-se, afastou-se a rainha muito da costa, e foi surpreendida por um robusto galho do cedro do Lybano, que fluctuava nas aguas da bahia, onde no futuro seria construido o arsenal de uma frota poderosa.

Agarrando-se ao galho e equilibrando-se nelle, a formosa rainha, envolta nos véus diaphanos que lhe cobriam as encantadoras formas, notou que o cedro continuava a fluctuar, deslizando rumo da praia, phenomeno este que lhe prendeu a attenção.

De volta a seu palacio, fez reunir em sessão os sábios da corte, para estudar o caso.

A conselho destes, mandou Kelly construir, uma especie de jangada; e, armando-a de um tapete, fez que o vento a impellisse ás direcções collimadas.

Estava construida a tryenne de Kelly, que mais tarde viria servir de modelo ás embarcações que abriram novos horizontes ao povo phenicio, nas suas maravilhosas conquistas, e soberbas descobertas...

21-8-921.

Ramec.

A Belleza Maranhense

«LABARO»

Concurso de Belleza

Qual a joven mais linda de
S. Luis?

Nome

Votante

A «Revista da Semana» empenha-se, para concorrer a festa do Centenario, de uma maneira original: deseja estampar, nesse dia, em pagina de honra, o retrato da mais bella virgem brasileira. E, para adquiri-lo, faz um encarecido apello a todos os jornaes do Paiz.

Attendendo á suggestão da conceitua da revista, os nossos auxiliares nesse trabalho meritorio, para o que abrimos em nossas columnas um concurso, procurando saber qual a moça mais bonita de S. Luis.

Os retratos das mais votadas, depois de publicados no «Labaro», serão remetidos á «Galeria de Belleza» da illustrada revista.

Em nosso proximo numero começaremos a publicação dos votos.

O prazo do concurso será de um mez, o qual se extinguirá no fim de Setembro, improrogavelmente.

Os votos deverão ser remetidos no coupon acima, em envelope fechado, pelo correio, com porte pago, á redacção do «Labaro», rua Candido Mendes, 45.

A mulher e a flôr

Mulher e flôr é a tradução do Belo, e falar do Belo é traduzir o inconsciente da natureza. Esta é vaidosa, e como a vaidade requer o Belo, podemos, sem medo de errar, definir estes dois seres, mulher e flôr, como sendo o producto da vaidade da natureza, que excedendo á sua vaidade não se contentou somente com criar a perfeição; não; foi além, quiz também o sublime.

A mulher dá-nos a idea da matéria aperfeiçoada, do mundo estético, do mundo subjectivo ou do Eu; a flôr dá-nos a noção do sublime. Em síntese, é nesses dois seres que residem as illusões da humanidade, o principio do mundo, a genealogia da vida, pode-se assim dizer. Eles presidem á felicidade completa, sem que não possa existir felicidade: a vida seria uma tractória marastica, um riso de velha.

A flôr dá renovo ao tronco do que morre; a mulher dá a graça, e torna jubilosos os nossos lares.

O confronto desses dois seres levar-nos-ia anestésicos por uma vereda, só de admiração e estazes.

Entre as mais criaturas vivas,

são elas a estátua da simetria da forma.

A etimologia estética considerá-as, mulher e flôr, como duas palavras sinónimas, ou ainda melhor, a flôr sendo o termo classico traduzindo mulher inocência, perfume, amor e vida, mulher divindade.

São os seres que melhor interpretam o «To be or no to be» de Shakespear.

Viver, enfim, entre mulher e flôr é viver numa letargia espiritual de sonhos, de quimeras e de devaneios; são os sonhos dos poetas, as fulgurações deslumbrantes que sintilam na treva triste de suas almas apaixonadas.

A mulher e a flôr são a taça em que o homem bebe o néctar da vida, o néctar do amor. A mulher embriaga-se com o perfume da flôr, e envenena o homem com as caricias dos seus beijos!

2-8-921

W. de Souza.

Um phenomeno

(A proposito do caso da Matta, cujo numero de mortos foi exaggerado no primeiro telegrama de nunciante do crime).

O Lulú era chefe de um club da politica assaz enfiado, desse club, as sessões, iam á sala de discussões da mais alto acaloradas.

Mas, Eustachia, mulher do Lulú, mal voltava o marido para casa, de indagar-lhe os segredos do club não perdia nem brecha nem vasa.

E, sabendo os segredos, corria ao quintal, e a vizinha chamava, e tinha por tim-tim, direitinho tudo ali, na pimenta, contava.

E podia segredo, prudencia: —Não contasse o negocio a ninguém! E a vizinha contava ao marido, que aos amigos contava, também.

Dentro em pouco, a cidade sabia tudo, tudo, sem falta de nada; e o Lulú, a pensar, muito crente que Eustachia tinha a bocca lacrada.

Mas, depois, elle soube do caso, e jurou nada mais lhe dizer: ora qual! —era Eustachia a pedir, e o Lulú prontamente fazer.

Os amigos, porém, do Lulú, ensinaram-lhe o modo de agir: ao invés da verdade, devia de mentiras Eustachia entupir.

E o Lulú accedendo ao conselho: entra em casa de cara fechada

—O marido, o que tens? O que soffres?

—Oh! não tales, não digas mais nada.

—Estou mesmo do manco estido, que vergonha passei, mulher minha, puz um ovo no club... —Que horror! porventura viraste galinha?

—No melhor da sessão p'ra o water-closet

com uma dor na barriga, corri; e pensando expellir certa acoua foi um ovo, mulher, que expellir.

Eustachia correu logo á cerca: —oh! visinha! que coisa do Cão! —O que foi, dona Eustachia! —O Lulú puz um ovo de pala «grandão»!

Mas, segredo, comadre!... —Pois não; Deus me livre de tal repetir; desta bocca, por Deus, eu lhe juro, esse caso não ha de sahir!

Mas correu ao marido, dizendo: —oh! Francisco! —O que foi, ó meu?

o Lulú puz dois ovos agora, o Eustachia já deu-lhe um clyster.

Lá pra tarde (isto foi de manhã) o Lulú, satisfeito o valor, com o conselho que tinha seguido, apañou do «Jornal», e foi lêr.

Logo á frente, com typos enormes, estampava o «Jornal» o seguinte: «Caro novo, estupendo, assombroso! Maravilha do seculo vinte!

No water-closet do club dali o sr. Luiz Rimalho de Souza, ao sentir uma dor no abdômen, a correr, foi fazer certa acoua».

E sentia que o que panha era oras! por socorro o perdedor gritou, e acudia muita gente, e o infeliz de pôr ovos, em fim, não courou.

De minuto a minuto, pôe um! já contamos (oh! force!) uns duzentos.

E é provavel que até lá pra noite elles tenham chegado á quinhentos!

Que perigo o de termos vizinhas e uma esposa de lingua ligeira! de tal gente bem longe Deus ponha

Aristides de Lemos Ferreira.

«O Caxiense»

João Guilherme de Abreu, espirito empreendedor e incansavel, alma devotada ao progresso da sua formosa «Princesa do Serfão», trazia, ha muito, a bellissima ideia da fundação de um jornalinho que servisse de interprete das aspirações dos caxienses domiciliados em S. Luis.

«Querer é poder», Guilherme de Abreu quiz, e lançou á publicação o 1.º numero do bem redigido mensal que nos serve de organo, em cujas columnas elle e os colaboradores, expressando seus sentimentos, manifestam mais uma vez, o talento e a operosidade dos fillos de Caxias.

Agradecendo a visita do novel collega, damos-lhe as nossas boas vindas.

EXPEDIENTE

O «Labaro» sahira quando lho convier.

Não se acceitam assignaturas.

Não se contractam annuncios.

Numero avulso \$200
Redacção: — Rua «Candido Mendes», n. 45.